

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Moari Tosin

**FUTEBOL E IDENTIDADE: ENTRE O ESTADO E A NAÇÃO
(CASO DOS “MANDARINS COLORADOS” E O SPORT CLUB
INTERNACIONAL NOS ANOS 1969-1971)**

Porto Alegre

2008

MOARI TOSIN

**FUTEBOL E IDENTIDADE: ENTRE O ESTADO E A NAÇÃO
(CASO DOS “MANDARINS COLORADOS” E O SPORT CLUB
INTERNACIONAL NOS ANOS 1969-1971)**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de
graduação em História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

Orientador: Prof. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2008

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. A utilização política do futebol na formação das identidades nacionais...10	
2. Futebol e identidade nacional – Brasil: “o país do futebol”15	
2.1. A incorporação do negro e a “invenção” de um “estilo brasileiro” de jogar.....	19
2.2. O futebol no Rio Grande do Sul e a “invenção” do “estilo gaúcho”...22	
3. A fundação do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e a construção de sua identidade.....	26
4. A construção identitária do Sport Clube Internacional.....	34
5. Os “Mandarins Colorados” e sua nova filosofia de futebol.....	45
5.1. O “moço” Bráulio.....	48
5.2. O fim da “Era dos Mandarins Colorados”.....	51
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

Introdução

Às portas de comemorar os seus 100 anos de existência, o Sport Clube Internacional construiu sua identidade através das suas vitórias e derrotas, da atuação de seus dirigentes, na formação de seus times, mas, principalmente, na relação direta e cotidiana com o seu opositor maior, o outro grande clube de futebol de Porto Alegre, o Grêmio Fott-Ball Porto Alegrense. Este trabalho tem por objetivo analisar um período histórico da construção identitária do Internacional, que vai do ano de 1969 até 1971, no qual a atuação de um jovem grupo de dirigentes, que passaram a ser conhecidos como “Mandarins Colorados”¹ (figura 1), vai gerar uma crise de identidade no clube. As idéias sobre futebol dos “Mandarins” se baseavam, em última instância, nos moldes daquele que era praticado pelo Grêmio, ou seja, um jogo em que a aplicação tática e principalmente a força física se sobrepunham à técnica.

No centro do debate estavam os jogadores **Luís Sérgio Ferreira**, ou “Sérgio Galocha”², preferido dos “Mandarins” para ocupar o lugar de **Bráulio Barbosa Lima**, o Bráulio, também chamado de “Garoto de Ouro”³, ídolo da torcida:

“A presença do Bráulio no time, exigida pela torcida, mantinha na reserva o jogador Sérgio, um negro alto e forte com um futebol também vistoso, mas menos espetaculoso, se bem que mais eficiente, do que o do outro. Formaram-se duas correntes entre os colorados: a dos braulistas e a dos sergistas. [...] ‘Garoto de Ouro’ x ‘Galocha’ transformou-se numa controvérsia

¹ O autor da alcunha foi o jornalista e escritor Luis Fernando Veríssimo, conforme podemos encontrar em seu livro “Internacional – Autobiografia de uma paixão”: “[...] Outro integrante do grupo, o mais velho deles, já falecido, era o jornalista Ivo Correia Pires, meu colega no Zero Hora, leitor do Eça de Queirós, grande figura. Os Mandarins, como ficaram conhecidos (culpa minha, que passei a chamá-los assim na coluna e o apelido, como o do “Galocha”, pegou), pregavam um futebol pragmático [...]” (2004, p.81). Além de Pires, os outros componentes mais influentes do grupo eram Ibsen Pinheiro, Cláudio Quintana Cabral, Hugo Amorim e Aldo Dias Rosa.

² O apelido, de certa forma preconceituoso, foi criado pelo chargista Sampaulo, um dos que preferia que Bráulio jogasse no time: “Não ajudou aos sergistas o fato de um apelido inventado pelo chargista Sampaulo para o jogador, tão inspirado quanto injusto – ‘Galocha’, pois, segundo o Sampaulo, ele era preto e mole -, ter pegado.”. (VERÍSSIMO, Luis Fernando. Internacional – Autobiografia de uma paixão. Porto Alegre: Ediouro, 2004, p. 71)

³ Nos jornais da época, encontramos muitas referências ao jogador Bráulio como o “Garoto de Ouro”, ou então somente como “o garoto”. Este apelido veio depois de um jogo amistoso entre o Internacional e o Cruzeiro mineiro, realizado na noite de 12 de outubro de 1966: “No ano de 1966, recém subido para o futebol profissional com 17 anos, o Inter enfrentou o Cruzeiro em uma partida no Estádio dos Eucaliptos e Bráulio marcou um gol que até os dias atuais é considerado um dos mais bonitos da história do clube. O time mineiro contava com o goleiro Raul e craques como Piazza, Dirceu Lopes, Tostão, Natal, Zé Carlos. Com a beleza do gol, o jogador colorado passou a ser chamado de ‘Garoto de Ouro’, denominação de autoria do então narrador Jorge Mendes.”. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/pelenet/porondeanda>> Acesso em 22/11/2008).

crônica que teria grande repercussão na história política e futebolística do clube.”⁴

A hipótese que tentarei comprovar no curso deste texto é que esta controvérsia surgiu porque as novas idéias trazidas pelos “Mandarins” iam de encontro ao estilo de futebol praticado pelo Internacional, construído no decorrer do tempo e que era parte constitutiva de sua identidade.

Identidade é algo difícil de conceituar, conforme já observou a historiadora Isabel Aparecida Bilhão, em sua tese de doutorado “Identidade e Trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920)”, onde afirma:

“Entretanto, conforme constatou o sociólogo Stuart Hall, analisando diferentes concepções acerca da identidade, esse é um conceito ‘muito complexo, pouco desenvolvido e mal compreendido na ciência social contemporânea’. Tal dificuldade de compreensão pode estar ligada, como escreve Hall, entre outros motivos, ao fato de que uma identidade ‘totalmente segura, completa, unificada e coerente é uma fantasia muitas vezes embasada em narrativas construídas a posteriori, que permite aos grupos sentirem-se seguros e reconfortados’. Dito de outra maneira deve-se ter em mente, ao estudar a construção das identidades coletivas, que elas são sempre construções fluídas e cambiantes, nas quais não se pode encontrar algo como um ‘núcleo duro’, um ‘caroço’ essencial e imutável, mesmo que muitas vezes o grupo identitário tenda discursivamente à unificação e ao essencialismo e busque a construção de uma memória livre de contradições.”⁵

No mesmo estudo, Isabel Bilhão se referencia nos antropólogos Roberto Cardoso de Oliveira e José Manuel Oliveira Mendes, os quais possuem idéias muito próximas do conceito de identidade, ou seja, que a identidade individual e social estão diretamente associadas. Para Roberto C. de Oliveira, [...] *a identidade é um fenômeno que emerge da dialética entre indivíduo e sociedade. Sendo formada por processos sociais e, uma vez cristalizada, é mantida, modificada, ou, mesmo, remodelada pelas relações sociais [...]*⁶, e José Mendes escreve que “[...] *a identidade é socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais. As identidades serão, assim, construções relativamente estáveis num processo contínuo de atividade social*”. Ainda segundo Mendes, “*o indivíduo forma sua identidade não da reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim do ruído social, dos*

⁴ VERÍSSIMO, Internacional – Autobiografia..., p.73.

⁵ BILHÃO, Isabel Aparecida. Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920). Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 2005, (Tese de Doutorado), p.31.

⁶ BILHÃO, Identidade e trabalho..., p.32

conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização”.⁷ E Bilhão complementa ressaltando que,

“para este autor, a identidade social é vista como ‘um cruzamento de atributos pessoais e estruturais’ e como ‘[...] uma tentativa permanente por parte do indivíduo de integração da multiplicidade de pertencimentos sociais e papéis a que está submetido. A busca do reconhecimento, da honra, é contínua, procurando o indivíduo redes de reconhecimento mútuo. Os participantes nessas redes procuram criar ideologias comuns, histórias comuns, que integrem e legitimem suas ações’.”.⁸

A partir destes referenciais teóricos e para contemplar seus enfoques, Bilhão vai trabalhar “*com um instrumental analítico que prioriza três aspectos da construção identitária: o reconhecimento, a distinção e a memória coletiva*”, instrumental este com o qual também trabalharei na análise da construção da identidade do Sport Clube Internacional, relacionada com os discursos decorrentes da polêmica em torno das idéias dos “Mandarins Colorados”.

Para a questão do reconhecimento, Bilhão se utiliza das idéias de Pierre Bourdieu, quando afirma que a identidade é um “*ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros*”. Porém,

“[...] o efeito de reconhecimento que o fato da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum.”.⁹

Esta proposição de Bourdieu tem importância para o presente trabalho, porque o discurso daqueles que defendiam a escalação de Bráulio como representante do futebol-arte, contrário às idéias dos “Mandarins” que pretendiam priorizar o futebol caracterizado pela força e virilidade, encontrava reconhecimento e legitimidade junto à torcida. O Internacional historicamente priorizou a formação de times com jogadores de grande capacidade técnica (o “rolo compressor”¹⁰ (figura 2) da década de 40, o “rolinho”¹¹ da década de 50), e a

⁷ BILHÃO, Identidade e trabalho..., p.32

⁸ BILHÃO, Identidade e trabalho..., p.33

⁹ BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região”. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, 1989, p. 117.

¹⁰ Expressão utilizada para designar um dos melhores times que o Internacional já teve, conforme consta no site oficial do clube: “Talvez a formação que todos colorados sonham, obedecendo ao sistema clássico de dois zagueiros, uma linha média de três e um ataque com cinco - dois pontas, dois meias e um centroavante - tenha sido o Rolo Compressor do goleiro Ivo Winck, os dois zagueiros Alfeu e Nena, os três médios Assis, Ávila e Abigail e o ataque de Tesourinha, Russinho,

torcida não queria somente que a equipe vencesse os seus jogos, mas, principalmente, que praticasse um bom futebol, com jogadas de qualidade, valorizando, assim, mais o lado lúdico e subjetivo do que o lado utilitário e objetivo que, como em qualquer jogo, visasse a vitória. Conforme Isabel Bilhão, “... o reconhecimento demanda ações práticas, operações de pertencimento que podem definir a aceitação ou exclusão de um determinado membro do grupo.”¹² Assim, a falta de reconhecimento das idéias dos “Mandarins” junto aos torcedores, acabou por determinar a exclusão do referido grupo da direção do clube.

Outro elemento constitutivo da identidade social é a questão da *distinção*. Ainda segundo Bourdieu no texto citado, “... o mundo social é representação e vontade, e existir socialmente é também ser reconhecido como distinto.”¹³ Assim, a construção da identidade se dá na relação com os “outros”, diferenciando-se deles, mas também os imitando, conforme define o psicanalista norte-americano Charles Brenner: “Por ‘identificação’ compreendemos o ato ou processo de tornar-se semelhante a algo ou alguém, em um ou diversos aspectos do pensamento ou comportamento.”¹⁴

A questão do outro é fundamental para o presente trabalho, pois todo o processo de construção da identidade do Sport Clube Internacional vai se dar em oposição e em distinção ao outro grande clube de futebol da cidade e do Estado, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Mas, como no caso dos “Mandarins” – objeto do presente estudo, o que se verifica é que o Internacional acaba por reproduzir o modelo de futebol adotado pelo clube rival e que se mostrava exitoso.

O terceiro elemento de análise do processo de construção identitária que utilizarei – a *memória* – é importante na medida em que serão utilizadas tanto memórias de pessoas que viveram à época da discussão com os “Mandarins”

Vilalba, Rui e Carlitos - o time de 42. O núcleo do Rolo era mesmo Carlitos, Tesourinha, Alfeu e Nena. Em 18 de novembro de 1945, o Rolo do Inter ganhou o inédito título de hexacampeão gaúcho.” Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/clube/histórico/fundação>> Acesso em 05/10/2008.

¹¹ Após o “Rolo Compressor”, na década de 1950 o Internacional montou mais um grande time, o “Rolinho”, comandado pelo treinador Francisco Duarte Junior, o Teté. Deste time, sete jogadores, além do treinador, serviram de base para a seleção gaúcha que representou o Brasil e foi campeão nos jogos Pan-Americanos de 1956.

¹² BILHÃO, Identidade e trabalho... p.34

¹³ BOURDIEU, “A identidade e a representação...”, p. 118

¹⁴ BRENNER, Charles. Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica. Título original: An Elementary Textbook of Psychoanalysis. Traduzido por Ana Mazur Spira. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1987, p.56.

(como, por exemplo, Luis Fernando Veríssimo, que era um crítico das idéias deles e de Cláudio Quintana Cabral, um dos que compunham o grupo dos “Mandarins”), quanto as memórias coletivas extraídas de textos jornalísticos e literários sobre os eventos. Nesse caso, recorro aos conceitos de memória e identidade social do sociólogo Michael Pollak, especialmente a proposição no sentido de que tanto a memória como a identidade têm características parecidas, ou seja, ambas tratam-se de fenômenos construídos social e individualmente:

“Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.”¹⁵

O autor também auxilia na compreensão do problema acerca das representações identitárias do Sport Clube Internacional, acionadas a partir dos debates envolvendo os “Mandarins” e o jogador Bráulio, quando, a partir do exemplo de uma organização social, no caso o Partido Comunista, nos fala do *trabalho da própria memória em si*:

“Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização. Por exemplo, a partir do momento em que o Partido Comunista amarrrou bem a sua história e a sua memória, essa mesma memória passou a trabalhar por si só, a influir na organização, nas gerações futuras de quadros; os investimentos do passado, por assim dizer, renderam juros. Esse fenômeno torna-se bem claro em momentos em que, em função da percepção por outras organizações, é preciso realizar o trabalho de reorganização da memória do próprio grupo. Isso é óbvio no caso do Partido Comunista. Cada vez que ocorre uma reorganização interna, a cada reorientação ideológica importante, reescrevera-se a história do partido e a história geral. Tais momentos não ocorrem à toa, são objeto de investimentos extremamente custosos em termos políticos e em termos de coerência, de unidade, e, portanto, de identidade da organização. Como sabemos, é nesses momentos que ocorrem as cisões e a criação, sobre um fundo heterogêneo de memória, ou de fidelidade à memória antiga, de novos agrupamentos.”¹⁶

¹⁵ POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, nº 10, 1992, p.5.

¹⁶ POLLAK, “Memória e identidade...”, p.7.

As novas idéias e filosofias de futebol que os “Mandarins” estavam propondo na época, vinham de encontro à memória do S. C. Internacional e tocavam em questões de identidade que há muito tempo estavam arraigadas na história do clube, provocando acirradas discussões e cisões.

Para elaborar o presente trabalho, pesquisei os jornais Folha da Manhã, Folha da Tarde e Zero Hora da época, além de livros que tratam das questões aqui estudadas. Para o capítulo quatro que trata da construção identitária do Internacional, como não obtive acesso aos arquivos do clube (questão de “economia interna”, segundo informou um dirigente), utilizei informações constantes no sítio oficial do Internacional na internet. Mesmo reconhecendo que a documentação digital é pouco segura, resolvi utilizá-la por se tratar de informações postadas pelo próprio clube, provavelmente retiradas dos documentos oficiais de seus arquivos.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro trata da emergência dos esportes modernos de maneira geral e do futebol mais especificamente, bem como a utilização destes esportes na consolidação das identidades nacionais. O segundo capítulo é reservado para uma análise de como o Brasil se tornou o “país do futebol” e a importância deste esporte para a construção da identidade brasileira. Este capítulo possui uma subdivisão que vai tratar da difusão do futebol no Rio Grande do Sul e a “invenção” de um estilo próprio de jogar. Nos terceiro e quarto capítulos, tratamos da construção identitária do Grêmio e do Internacional, respectivamente, e os estilos de futebol que cada clube desenvolveu no decorrer de suas histórias. Por fim, o quinto e último capítulo traz a pesquisa envolvendo os debates e polêmicas em torno das idéias dos “Mandarins Colorados” e é dividido em dois sub capítulos: um tratando especificamente do jogador Bráulio, pivô da controvérsia, e outro reservado para o desfecho da polêmica com a saída dos “Mandarins”.

1. A utilização política do futebol na formação das identidades nacionais

Natal, 7 de junho de 1978.

“Mãe!

Aí, na hora que a coisa tava indo, tava indo... chega a Copa do Mundo e leva tudo pra lá. É sempre assim: não conseguimos fazer duas coisas ao mesmo tempo. Não sabemos assobiar e fazer xixi ao mesmo tempo. Não conseguimos chutar bola e fazer democracia ao mesmo tempo. Mas sabe o que me dá mais raiva? Vez por outra vêm me perguntar se eu vou torcer pelo Brasil. Só porque a gente tá na oposição, eles acham que estamos contra a Seleção também? Sim, porque entre os méritos do último governo, sempre acrescentavam: o governo do Tri! Só pra gente ficar com ódio do Tri. E a gente era besta, a gente era bobão, não sabia das coisas e acabou achando que o Tri fosse gol do Governo. Gol deles uma pinóia! Dessa vez ninguém vai me fazer ficar contra a Seleção, pensando que eu tô contra o Ato Institucional número 5, não. A Seleção é do povo! Assim como a greve é do trabalhador! A bênção! Do seu filho, Henfil.”¹⁷

Desde o final da Idade Média, enquanto a nobreza europeia praticava esportes já tradicionais, caracterizados pela destreza, precisão e equilíbrio (arco e flecha, equitação, esgrima, golfe), as camadas populares tinham como diversão a prática dos chamados *folk games*¹⁸, “quando o desenvolvimento comercial e as transformações no mundo do trabalho (a expansão do artesanato) geraram um novo ambiente urbano, mais dinâmico e menos austero.”¹⁹ Entre estas formas de diversão, jogos de bola rudimentares (ou *folk foot-ball*) serão os protótipos do que hoje conhecemos como futebol. Conforme Gilmar Mascarenhas de Jesus,

“As formas precursoras do futebol podiam envolver dezenas ou centenas de pessoas disputando uma “bola” (que poderia ser um crânio), tentando com ela transpor um dos dois extremos de um território que poderia ser uma grande praça, toda a extensão de um vilarejo ou mesmo de uma paróquia. Estes jogos de diversão turbulenta, embora condenados pela moral cristã e

¹⁷ Extraído do Documentário “Cartas da Mãe”. Roteiro e Direção: Fernando Kinás e Marina Willer. Ano: 2003. Duração: 28 min.

¹⁸ Expressão inglesa para jogos informais, que têm uma forma estruturada de jogar, algumas regras, mas geralmente não necessitam de equipamentos nem áreas específicas para se jogar. São contraponto dos jogos institucionais, que são altamente organizados, com regras codificadas e que geralmente requerem áreas regulamentares de atuação e equipamentos especiais.

¹⁹ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. “A febre do futebol: gênese e difusão planetária de uma inovação”. In: A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: USP (Tese de Doutorado), 2001, p. 15.

perseguidos pelas leis, resistiram e atravessaram os séculos. Paradoxalmente, acabaram funcionando como protótipos de alguns dos mais difundidos esportes modernos.”²⁰

Os esportes modernos vão ser utilizados constantemente nos séculos XIX e XX para ajudar na consolidação e na internalização dos ideários surgidos com o advento do capitalismo e na formação do conceito de nação. Gilmar Mascarenhas afirma também que a expressão “esportes modernos” é utilizada pelos estudiosos para diferenciá-los de atividades semelhantes que existiam na Antiguidade ou dos denominados “jogos populares”. Para o autor, o que distingue os esportes modernos dos praticados anteriormente não são tanto as modalidades praticadas, mas sim a natureza e a finalidade das mesmas:

“Os esportes modernos, ao contrário, apresentam grande estrutura jurídico-organizacional, gestão burocrática, estatuto internacional, regras codificadas e minuciosas, aperfeiçoamento constante dos atletas em busca de records, e realiza-se em espaços especificamente elaborados para tal, com medições e formas precisas.”²¹

Outro estudioso dos esportes modernos e do futebol mais especificamente, o antropólogo Arlei Sander Damo, acrescenta:

“De acordo com Hobsbawm (1984), a difusão dos esportes e principalmente dos clubes, instituições que lhes deram suporte, deve ser compreendida como corolário das profundas transformações decorrentes da industrialização, entre as quais se destacam o acelerado processo de urbanização, a facilitação ao acesso à escola para uma extensa parcela da classe média – incluindo os setores mais baixos – e a conseqüente ascensão econômica e social de seus membros e, por fim, a emergência do proletariado enquanto classe.”²²

Assim, os países que vão se formando vão ter os seus clubes esportivos e seus esportes preferidos, geralmente elegendo um para ser o seu “esporte nacional”, sendo que o futebol terá destaque neste processo, conforme constata o historiador Gilberto Agostino:

“Parece surpreendente a afirmação de que existem mais países filiados à FIFA do que à ONU. Parte indelével desta realidade configurou-se na segunda metade do século XX, quando o mundo assistiu a um fluxo ininterrupto da formação de novas nações, resultado do processo de descolonização afro-asiático. Neste momento, para aqueles que lutavam pelo direito de autodeterminação, ficava claro o quanto valia o reconhecimento de uma Federação Esportiva como um dos componentes essenciais da afirmação da soberania. Neste sentido, o futebol atingiu uma projeção

²⁰ JESUS, “A febre do futebol: ...”, 2001, pp. 18/19.

²¹ JESUS, “A febre do futebol: ...”, 2001, p. 15.

²² DAMO, Arlei Sander. Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, pp. 23/24.

bastante relevante, sendo um dos elementos decisivos na formação da identidade nacional que se seguiu à implosão dos velhos impérios.”²³

Esta predominância em relação aos demais esportes, a ponto de torná-lo o mais difundido e praticado no planeta, acontece porque, segundo o sociólogo Mauricio Murad, o futebol:

“[...] não é um jogo qualquer ou mais uma modalidade esportiva, é muito mais do que isto, é bem mais do que aquele jogo de bola das quatro linhas, é a síntese de múltiplas determinações sociológicas, é a síntese múltipla dos diversos jogos que compõem a dialética da existência humana. São jogos de todas as fôrmas e de todas as formas, de todos os territórios e de todas as linguagens, jogos ontológicos e antológicos, e tudo isso porque exprimem em grau superlativo as nossas mitologias, simbologias, latências arquetípicas e identidades coletivas.”²⁴

Diversos fatores contribuem para que o futebol tenha este caráter universal, que vão desde questões materiais como os equipamentos necessários para o jogo, que são muito simples²⁵, até questões de caráter filosófico-sociológico, como nos aponta, ainda, Mauricio Murad:

“[...] Além desta simbologia geométrica, espacial, o desejo de uma igualdade original, um dos mais elevados valores e sentimentos humanísticos, está contido no fato de que o futebol não é propriedade privada de ninguém, de nenhum biótipo, de nenhuma raça, de nenhuma classe social e, hoje sabemos, de nenhum gênero – homem ou mulher [...] Em resumo, o futebol, enquanto signifiante, isto é, como esporte e como instituição social, é enunciado da mais democrática e universal signifição ética, daquela que realiza melhor a arqueologia da ludicidade, que é a ética da mais ampla e radical igualdade de oportunidades.”²⁶,

Assim, os mais diversos governos, dos mais diversos países, passaram a prestar atenção a este fenômeno de massas – representado pelos esportes modernos e suas práticas – procurando a ele se vincular, a fim de atrair a simpatia do povo e obter ganhos políticos.²⁷ A utilização política do futebol é

²³ AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer – futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 202.

²⁴ MURAD, Mauricio. Dos pés a cabeça – Elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 46/47.

²⁵ Para a prática do futebol, somente é necessário uma bola, que pode ser qualquer coisa de formato arredondado - desde uma laranja até uma bexiga de couro - e um espaço aberto e relativamente plano, ao contrário de outros esportes como o basquete, o vôlei, o tênis, etc., que necessitam de equipamentos mais elaborados.

²⁶ MURAD, Dos pés a cabeça..., p.47-48

²⁷ Só para citar um dos casos mais emblemáticos da história com relação a esta prática, lembramos as olimpíadas de 1936, na Alemanha sob o domínio do nazismo, em que Adolf Hitler pretendia utilizar os jogos olímpicos para provar a superioridade ariana frente às demais raças. Porém, como sabemos, o “tiro saiu pela culatra”, pois quatro atletas negros norte-americanos ganharam 6 medalhas de ouro - o mais destacado entre eles foi sem dúvida Jesse Owens que ganhou 4 destas 6 medalhas - fazendo com que Hitler, que até então tinha cumprimentado a todos

destacada pelo historiador Hilário Franco Júnior, que indica ter sido utilizado por governos de todas as tendências, da esquerda e da direita:

“À medida que o futebol caía no gosto popular, foi se acelerando no mesmo ritmo sua utilização como instrumento político... Depois, cada vez mais a política institucional penetrou no mundo do futebol. E vice-versa. Qualquer que seja o sistema em vigor na sociedade. Políticos de todos os matizes perceberam a imensa capacidade que ele tem de mobilizar sentimentos coletivos, sejam eles grupais, regionais ou nacionais.”.²⁸

Franco Júnior completa com alguns exemplos desta utilização política do futebol, como a questão da Copa de 1934, disputada na Itália, que acabou se transformando em “assunto de segurança nacional”. “[...] Antes que, em 1936, o ideólogo do nazismo, Joseph Goebbels, tivesse definido o futebol como ‘utopia do povo’, Mussolini já sabia disso e empregou todos os meios, éticos ou não, para vencer a Copa”.²⁹

Na América Latina, o futebol também teve destacada utilização política. No Brasil, a ditadura militar procurou se apropriar dos dividendos políticos da conquista da Copa de 70, o que provocou um intenso debate entre os que combatiam a ditadura, sobre se se devia ou não torcer para a seleção brasileira, tanto que motivou Henrique de Souza Filho, o Henfil, a escrever sobre o assunto em uma de suas famosas “cartas à mãe”, citada no início deste capítulo. Na Argentina, a organização da Copa de 1978 transformou-se em um verdadeiro projeto político, conforme escreve ainda Hilário Franco Júnior: “*A união nacional comprometida pelas perseguições da ditadura deveria ser restaurada pela seleção nacional. A imagem do país, abalada no interior e no exterior, precisaria ser recuperada pela vitória na competição.*”.³⁰ E, mais recentemente, outro exemplo da utilização do futebol para fins políticos, traduz-se na notícia veiculada pelo jornal Correio do Povo de 11 de junho de 2007, que trata da fundação do Banco do Sul, uma instituição financeira de ajuda aos países da América do Sul e que terá sede em Caracas: “*O governo venezuelano quer que o ato de fundação da instituição, no qual participarão Argentina, Bolívia, Brasil, Equador, Paraguai e Venezuela, coincida com o dia de abertura da Copa América, em 26 de junho.*”.³¹

os vencedores, se retirasse do estádio sem cumprimentá-los, o que deixou o público presente envergonhado.

²⁸ FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses – Futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.168.

²⁹ FRANCO JÚNIOR, A dança dos deuses..., p.170.

³⁰ FRANCO JÚNIOR, A dança dos deuses..., p.171.

³¹ Correio do Povo, Porto Alegre. 11/06/2007, p.12.

Cabe lembrar que a Copa América deste ano de 2007 se realizou na Venezuela durante o período de 26 de junho a 15 de julho.

Neste capítulo, tratamos da expansão dos “esportes modernos” em geral e do futebol, mais especificamente, e sua utilização na consolidação dos Estados Nações que se formaram durante os séculos XIX e XX, sendo que, no Brasil, como veremos a seguir, o futebol se tornou um dos elementos fundamentais deste processo cultural.

2. Futebol e identidade nacional – Brasil: “o país do futebol”

O futebol – Chico Buarque³²

*Para estufar esse filó como eu sonhei
Só se eu fosse o Rei
Para tirar efeito igual ao jogador qual compositor
Para aplicar uma firula exata, que pintor
Para emplacar em que pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental que um chute a gol
Com precisão de flecha e folha seca*

*Parafusar algum João na lateral, não quando é fatal
Para avisar a finta enfim, quando não é, sim, no contrapé
Para avançar na vaga geometria
O corredor, na paralela do impossível, minha nega
No sentimento diagonal do homem-gol
Rasgando o chão e costurando a linha*

*Parábola do homem comum roçando o céu
Um senhor chapéu para delírio das gerais, no coliseu
Mas que rei sou eu para anular a natural catimba do cantor
Paralisando esta canção capenga, nega
Para captar o visual de um chute a gol
E a emoção da idéia quando ginga*

*(Para Mané para Didi para Mané
Mané para Didi para Mané para Didi para Pagão
Para Pelé e Canhoteiro)*

Particularmente no Brasil, o futebol teve e tem papel fundamental na construção da identidade nacional. Vários autores têm analisado esta questão e, por diversos fatores, têm chegado à conclusão de que o Brasil é o “país do futebol”.

A socióloga Simoni Lahud Guedes, coloca que “a ‘solidariedade social’, num nível mais amplo, é o amálgama que constrói a ‘nação’.”.³³ E conclui:

O futebol, no Brasil, tem cumprido papel preponderante neste processo, produzindo experiências coletivas que propiciam a vivência de uma ‘comunidade moral de brasileiros’. Situando-se como veículo catalisador da brasilidade, quase todos os seus eventos são redimensionados, assumindo significados que, de modo algum, podem ser imediatamente deduzidos dos fatos do esporte em si. Contudo, por mais contundente que seja tal processo, no caso brasileiro, sua análise não autoriza a dedução, sem mediações, de suas utilizações políticas.”.³⁴

³² Extraído do disco “Morro Dois Irmãos”, gravado entre agosto e outubro de 1989 pela BMG Ariola Discos. Primeira música do Lado B.

³³ GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol – Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998, p. 42.

³⁴ GUEDES, O Brasil no campo..., p. 43.

Segundo Guedes, muitos esportes no Brasil ganham o apreço e a simpatia da população diante da vitória e do destaque de um compatriota naquela modalidade. Aconteceu com a Fórmula 1, com Fittipaldi na década de 1970 e Ayrton Senna na de 90; com o tênis, através de Maria Ester Bueno na década de 60 e de Gustavo Kuerten mais recentemente; com o vôlei, a partir da conquista de medalhas olímpicas, dentre outros. Enquanto obtém sucesso, são motivo de orgulho e de intensa mobilização em torno dos “heróis” nacionais. Porém, quando o ciclo de vitórias cessa, as derrotas não têm o mesmo impacto e, *“muitas vezes, ao invés de produzirem dramas, acionam a jocosidade, transformando-se em pilhérias bastante divulgadas.”*³⁵ Mas, para Guedes, com o futebol isto é diferente, ao menos desde a fatídica tarde de 16 de julho de 1950, quando a seleção brasileira foi derrotada na Copa do Mundo pela seleção do Uruguai, em pleno Maracanã, episódio que ficou conhecido como “maracanazo” ou a “tragédia de 50”, pois, *“se rigorosamente qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através das vitórias, apenas o futebol o faz permanentemente, nas vitórias e nas derrotas. Por isso, até aqui, o Brasil continua sendo o ‘país do futebol’.”*³⁶

As explicações para o futebol ter adquirido o status de “esporte nacional” remontam à época em que se deu a sua introdução no país, como uma opção de lazer trazida de um país com quase dois séculos de capitalismo: a Inglaterra. O *foot-ball*, como se sabe, é um esporte “inventado” pelos ingleses e foi Charles Miller, um filho de ingleses nascido no Brasil, que, após retornar da Europa onde fora efetuar seus estudos, trouxe os primeiros equipamentos e “manuais” deste esporte para o Brasil, tendo sido considerado como um dos pioneiros do futebol no país. Porém, como ressalta Gilmar Mascarenhas de Jesus, o processo de introdução e difusão do futebol no país não se dá de maneira similar a de outros países da América Latina, ou seja, *“vinculado ao imperialismo britânico, que penetra pelo porto principal para a seguir se espalhar pelo território.”* Ao contrário do que ocorreu, por exemplo, na Argentina e Uruguai, no Brasil

“não podemos localizar um único ponto no território a partir do qual o futebol, enquanto inovação, tenha se introduzido e se difundido espacialmente, embora reconheçamos a primazia paulistana no processo de adoção. Verifica-se portanto um caso atípico, no qual o futebol penetra no território nacional quase simultaneamente por vários pontos desconectados entre si

³⁵ GUEDES, O Brasil no campo..., 1998, p. 41.

³⁶ GUEDES, O Brasil no campo..., 1998, p. 41.

(mas conectados com o exterior), como incursões independentes no movimento conjunto da difusão.”³⁷

Mas para entender como o futebol se transformou no esporte preferido das multidões, adquirindo o status de “paixão nacional”, a ponto de qualificar o Brasil como sendo “o país do futebol”, é necessário entender como o esporte se difundiu nas duas maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro.

Quando Miller aqui chegou, em 1894, carregando na mala a primeira bola e um folheto com as regras para a prática deste esporte, o país estava passando por mudanças profundas na sociedade. Estávamos saindo de um regime escravista que durara quase quatro séculos e a pouco proclamáramos a nossa República. Os ventos do capitalismo sopravam forte, as cidades cresciam muito rapidamente e São Paulo, onde Miller aportou, já estava se transformando em uma metrópole. Porém, conforme Joel Rufino dos Santos, *“nada irritava mais os conservadores que o foot-ball, os latagões de pernas cabeludas esburacando os gramados de cricket.”*³⁸

Uma das marcas das profundas mudanças pelas quais passava a sociedade brasileira na época foram as greves operárias que começaram a despontar em várias partes, quase ao mesmo tempo, naquele início de século XX. Santos escreve que:

“A greve de 1917[em São Paulo], que chegou a paralisar dezenas de milhares de operários, fez ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um ‘esporte de massas’. Como uma criança que se manda brincar ‘para queimar energias’, os operários foram, então, mandados jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir *grounds*; a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos.”³⁹

No Rio de Janeiro, quando o primeiro time de futebol foi fundado em 1902, a cidade se encontrava apinhada de gente: *“Entre 1872 e 1890, a população do Rio duplicara, passando de 274.972 para 522.651 habitantes. Em 1906, elevava-se a 811.444 habitantes. Era a única cidade do país com mais de 500 mil habitantes.”*⁴⁰ Toda essa verdadeira “massa humana” que crescia e se

³⁷ JESUS, “A febre do futebol...”, pp. 45/46

³⁸ SANTOS, Joel Rufino. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 22.

³⁹ SANTOS, História política..., p. 22.

⁴⁰ BENCHIMOL, Jaime. “Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro”. In: O Brasil Republicano – O tempo do liberalismo excludente. Organização Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.243.

aglomerava de maneira desordenada, acabou desencadeando uma série crise habitacional e de saúde, principalmente na região central da cidade:

“..., o epicentro da crise era ainda, e cada vez mais, o miolo do Rio de Janeiro, a Cidade Velha e adjacências, onde progredia a condensação populacional em habitações coletivas e onde as epidemias causavam devastações jamais vistas, exacerbando a fama internacional que o Rio tinha de cidade empestada e mortífera.”⁴¹

Para resolver este grave problema, dois personagens históricos vão entrar em ação: de um lado Oswaldo Cruz, que assume a chefia da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) com a intenção de enfrentar três doenças que estavam tornando a cidade inabitável – febre amarela, varíola e peste bubônica e, de outro, o engenheiro Francisco Pereira Passos, nomeado pelo presidente da República prefeito do Distrito Federal em 30 de Dezembro de 1902, cuja principal meta era “modernizar” a cidade, com a abertura de novas avenidas e o alargamento de outras, bem como a demolição de casas e prédios considerados nocivos para a saúde. Com uma intensa campanha de vacinação (que foi declarada obrigatória), principalmente contra a varíola, e com a sistemática reconstrução do centro, *“Recrudescu, então, a oposição ao governo, tendo como alvos o ‘General Mata-mosquitos’ e o ‘Bota-abaixo’.”*⁴² A insatisfação popular se devia ao fato de que muitas pessoas tinham pavor da idéia de serem inoculadas com o “vírus” da doença e das ditas modernizações do centro que empurravam as pessoas para a periferia e para os morros, culminando com a chamada “Revolta da Vacina”, que paralisaria a cidade por mais de uma semana.

Segundo Santos, quem venceu esta rebelião foi o futebol. A repressão que baixou sobre os *“anarquistas, porque lideraram politicamente a revolta”* e sobre os *“capoeiras, porque a lideraram no pau... matou a capoeira, que reinava absoluta desde o século anterior.”*⁴³ E continua:

“... o Rio dividia-se em ‘maltas’, com suas cores e insígnias, como mais tarde em times de futebol e escolas de samba. [...] O que restou para aquela gente? A bola, nos terrenos baldios que a remodelação da cidade oferecia. Diversas ‘maltas’ se transformaram em times de futebol. O governo se deu conta da mudança? Não só se deu conta como passou a estimular. Futebol contra capoeira. Acontecera o mesmo que em São Paulo. A cidade encontrara o seu esporte.”⁴⁴

⁴¹ BENCHIMOL, “Reforma urbana...”, 2003, p. 244.

⁴² BENCHIMOL, “Reforma urbana...”, 2003, p. 273.

⁴³ SANTOS, História política..., 1981, p. 25.

⁴⁴ SANTOS, História política..., 1981, p. 26.

Assim, tanto na cidade que mais crescia no país – São Paulo, quanto na capital da recém criada República – Rio de Janeiro, o futebol que viera para ser mais uma forma de lazer exclusiva da burguesia, chegou às classes populares - que a tempo reivindicavam o direito a prática deste esporte - como meio de entreter os trabalhadores e fazê-los esquecer, ao menos momentaneamente, a luta por melhores condições de vida e tornar-se-á o esporte preferido das “massas” no Brasil.

Um ano após a abolição da escravidão no Brasil (1888), a República foi instaurada (1889) e com ela uma nova forma de sistema político, baseado nos valores da Revolução Francesa de 100 anos antes: fraternidade, liberdade e igualdade. Este novo ideário político decorreu de uma nova forma de organização econômica, a capitalista, na qual o trabalho escravo é substituído pelos contratos de trabalho e o País precisava se adequar a estas alterações, incorporando os negros ao mercado de trabalho e, conseqüentemente, tornando-os cidadãos brasileiros. O futebol, enquanto esporte de massas, foi largamente utilizado no processo de construção da identidade nacional, seja através da proliferação dos “clubes de futebol” em cada região do país, ou pela montagem da “seleção brasileira de futebol”. Mas, fundamentalmente, através da incorporação do negro.

2.1. A incorporação do negro e a “invenção” de um “estilo brasileiro” de jogar

“A popularidade não admite cerimônia, alimenta-se de intimidade. A fama é que é cerimoniosa. Fica lá em cima, como Domingos. Não permitindo nem a confiança de um apelido. ‘Diamante Negro’ para Leônidas, para Domingos, ‘Doutor’, ‘Professor’, ‘Mestre’.

O torcedor admirava Domingos de longe, guardando o devido respeito. O que não havia entre o torcedor e Leônidas: respeito. O torcedor gostava dele. Por isso vivia desculpando coisas que ele fazia. Até um gol perdido, a bola pedindo para entrar, bastava empurrar.

Fosse Domingos chutar uma bola fora, era um espanto, um ‘oh!’ A torcida do outro clube, então, não perdia a ocasião, que talvez não voltasse mais, de um ‘uh!’ para Domingos. Não adiantava Domingos se zangar, perder a cabeça, feito Leônidas. Ninguém perdoava o Da Guia humano, de carne e osso.

Para se livrar dos ‘uh!’ Domingos tinha de ser mais Domingos do que nunca. Parando uma bola a dois metros do gol aberto, chamando todo mundo para tomar a bola dele. O que ele fez num Botafogo e Flamengo, em Álvaro Chaves.

A multidão ficou quieta, parecia que o estádio se esvaziara de repente, que o jogo acabara há muito tempo. Os atacantes do Botafogo partiram para cima de Domingos, Domingos, aí, se mexeu, começou a andar, devagar, balançando o corpo, dando dribles de meio milímetro.

Driblou um, dois, três, quatro, cinco, esperou um pouco, para ver se vinha mais alguém, não veio mais ninguém, ele esticou um passe de cinquenta metros, certinho, depois deu meia volta – a bancada social do Fluminense assim de moças, florida, a mesma corbeille de vinte, de trinta anos atrás – curvou-se num cumprimento.”. Mário Filho⁴⁵

Apesar de ter sido “permitido” às classes populares logo no início do século XX (como vimos acima), o futebol somente se tornaria realmente um esporte das massas brasileiras com a profissionalização, que ocorreu, definitivamente, no ano de 1933. Até então, o futebol era a melhor atividade de lazer (e a mais acessível) de milhares de pessoas que trabalhavam nas fábricas ou que chegavam às grandes cidades e não conseguiam emprego. Existiam os times/clubes pobres, que já praticavam um profissionalismo “marrom”, como nos coloca Joel Rufino dos Santos: “Os melhores jogadores, como hoje acontece com os juvenis, recebiam bicho (um galo, 50 mil réis; um peru, 100, e assim por diante), luvas, casa e comida se necessário.”⁴⁶. Os clubes da elite, que não aceitavam negros em seus quadros, negavam-se a remunerar seus jogadores e acusavam os que jogavam mediante pagamento de mercenários. Mas, de fato, conforme afirma Santos, o problema era o medo de perder seu espaço na sociedade:

Os atletas e dirigentes contrários à popularização do esporte recusavam receber e pagar um centavo que fosse. Temiam a morte do ‘verdadeiro espírito olímpico’. No fundo, defendiam uma posição de classe, eram burgueses, com negócios e empregos, ameaçados pela invasão proletária. No seu entender, devia-se jogar unicamente por amor à camisa, nunca por dinheiro.”⁴⁷

Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr., ao debaterem se o futebol, com a sua profissionalização, serviu, em alguma medida, para um processo de “democratização” e de possibilidade de *ascensão social e econômica de parte da população negra*, referem que os temores das elites acabaram se confirmando:

“Com efeito, as mudanças nas condições de exercício do futebol após o profissionalismo beneficiaram imediatamente os setores econômica e socialmente desfavorecidos, na medida em que ao mesmo tempo permitiram maior igualdade de acesso aos meios necessários ao bom desempenho

⁴⁵ Extraído do livro “O Negro no Futebol Brasileiro” - 4ª Edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, pp. 214/215.

⁴⁶ SANTOS, História política..., 1981, p. 46.

⁴⁷ SANTOS, História política..., 1981, p. 47.

esportivos e funcionaram como porta de ingresso à economia formal (isto é, o futebol constitui-se num espaço onde esses setores da população podiam almejar um emprego que não necessitasse de longos períodos de aperfeiçoamento pessoal, anos de educação formal etc.). [...] A defesa do amadorismo – explícita ou implicitamente – era a defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares, circunscrito às elites urbanas. [...] Sem o profissionalismo não haveria meios pelos quais os extratos sócio-econômicos inferiores pudessem fornecer sistematicamente jogadores de futebol com o devido preparo atlético para competir em torneios oficiais, organizados pelas ligas.”.⁴⁸

O processo de inclusão das classes populares no futebol – e, mais precisamente, do negro – não foi apenas uma concessão das classes dominantes, a fim de “aliciar” e domesticar o povo para seus próprios interesses, e tampouco o resultado da luta das classes menos favorecidas por um maior espaço na sociedade. Na verdade, foi um pouco de tudo isto. O fato é que a incorporação do negro vai dar ao futebol brasileiro um estilo próprio de jogar, como afirma Joel Rufino dos Santos referindo-se à Friedenreich, segundo ele, o primeiro grande craque do futebol brasileiro, surgido ainda no tempo do amadorismo:

“Os números, porém, são o que menos interessa no futebol de El Tigre. Ele foi o fundador da Escola Brasileira de Futebol: o drible desconcertante, a firula diabólica, a doce matada no peito, o passe que deixa o companheiro cara a cara com o goleiro inimigo. Friedenreich rasgou os manuais ingleses que ensinavam a jogar futebol.”.⁴⁹

O nome Friedenreich pode causar alguma dúvida com relação à descendência negra de “El Tigre”, mas Santos, em seguida, explica que o pai do atleta era um *“alemãozão casado com uma crioula”*.

E Simoni Guedes complementa dizendo que, conforme tem sido demonstrado por diversos autores, houve um *“‘abrasileiramento’ do jogo de futebol, temática multidimensional que pode, contudo, ser sintetizada na idéia-valor futebol-arte em contraste com a idéia-valor futebol-força dos gringos.”* E continua:

“A lenta elaboração de um ‘estilo brasileiro de jogar futebol’ pode ser compreendida como o produto sempre renovado da valorização de um determinado tipo de corporalidade que, por extensão, passa a definir as virtudes e defeitos morais dos brasileiros. Sob o signo do *futebol-arte*, a habilidade e criatividade dos jogadores de futebol brasileiros produziu uma série de jogadas que se transformaram, também pelo louvor recebido dos

⁴⁸ HELAL, Ronaldo, GORDON Jr, Cesar. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV. Vol. 13, nº 23, 1999, p. 157.

⁴⁹ SANTOS, História política..., 1981, p. 19.

'definidores de realidade', em marca registrada dos brasileiros. *Dribles, fintas, gingas, firulas, lençóis, bicicletas, voleios, folhas secas*, são parte de um estoque muito mais amplo de 'técnicas corporais' que configuram, simultaneamente, a *esperteza* e a *malandragem* dos nossos jogadores e dos brasileiros como um todo."⁵⁰

O problema é que este estilo brasileiro de jogar futebol, que ressalta mais o caráter lúdico e o valor estético do jogo, contrapõe-se a uma concepção mais objetiva e utilitária do jogo, a qual visa primeiramente o resultado final, ou seja, a vitória:

"O *jogo bonito* não é, em todas as oportunidades, o mais eficiente, pois, em princípio, o processo de jogar tem preeminência sobre o resultado. Por esta razão, é, muitas vezes, alvo da defenestração de alguns dos produtores intelectuais do campo esportivo, produzindo muitas das avaliações negativas dos brasileiros. Os meandros da oposição entre *futebol-arte* e *futebol-força* (ou de algumas de suas variantes) compõem um dos debates mais frequentemente renovados sobre o futebol brasileiro e os brasileiros de modo geral."⁵¹

E é justamente este o debate que vai se travar com os "Mandarins Colorados": de um lado, o futebol habilidoso mas nada vigoroso do jogador Bráulio, apontado pelos "Mandarins" como responsável pela falta de títulos do clube e, de outro, o futebol menos vistoso, porém mais forte e eficiente, do jogador Sérgio "Galocha", escolhido como o substituto de Bráulio.

2.2. O futebol no Rio Grande do Sul e a "invenção" do "estilo gaúcho"

[...] Dezenove minutos da etapa complementar [...] Luiz Gustavo dominou, fora da área, passou pelo marcador, ajeitou, vai pra bomba, atirou, goal; goooooooooooooooooo! Um gol ma-ra-vi-lho-so [...] um golaço! Eu disse: o Inter depois de sofrer o gol tinha garra, tinha alma, o Inter era o Inter da sua história e da sua tradição e foi buscar o gol de empate e conseguiu. Só falta o da vitória agora. [...] Rrre-pi-ta comigo torcedor colorado: o nome do gol é Lu-iz Gustavo, Farid.

- Como diz uma das letras, uma das músicas mais bonitas do Rio Grande: não ta morto quem luta e quem peleia. E o colo...

- Leandro, uma bomba, goooooooooooooooooo! Do In-ter-na-cional! Portugueses do Rio e de São Paulo, saiam definitivamente da vida colorada! [...] Sen-sa-cional, históórica virada do Internacional! Eu disse: históórica, inesquecível virada colorada em São Januário. Quando apareceu a garra, a força, o sangue colorado, aí começaram os gols, aí começou a pressão, aí vieram os golaços e a

⁵⁰ GUEDES, O Brasil no campo..., 1998, pp. 50-51.

⁵¹ GUEDES, O Brasil no campo..., 1998, p. 51.

vinte e um minutos Leandro está fazendo dois a um. Dois para o Inter, um para a Portuguesa!

- Eu dizia, como diz uma das músicas mais bonitas do Rio Grande: não ta morto quem luta e quem peleia [...]. (Locução de Pedro Ernesto Denardin: Inter 2 vs Portuguesa 1, em 15/11/1996)⁵²

Embora no Brasil o futebol tenha chegado primeiro em São Paulo (como vimos acima), o primeiro clube a se dedicar exclusivamente a este esporte teve origem na cidade de Rio Grande: o Sport Club Rio Grande, fundado em 1900. Isto porque, Em São Paulo, num primeiro momento, o futebol foi incorporado por clubes já existentes que praticavam outros esportes, e somente mais tarde foram fundados novos clubes, cujo principal, senão o único esporte, seria o futebol. Porém, conforme o historiador Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, apesar de o clube de futebol mais antigo do Brasil⁵³ ser do Rio Grande do Sul,

“[...] poucas coisa revelam uma identidade tão especificamente regional e permitem que se manifeste o sentimento disseminado de desprestígio que, de tempos em tempos, sentem os rio-grandenses em relação ao conjunto nacional quanto o futebol. O futebol ‘gaúcho’ reproduz, em grande medida, os problemas que atingem outros segmentos ‘gaúchos’.”⁵⁴

Para o autor, existe uma noção de inferioridade que abarca os sentimentos dos rio-grandenses, refletida nas falas oficiais das autoridades que transmitem a idéia de que o Estado não recebe a atenção necessária do governo central e acaba por arcar com um ônus desproporcional em relação aos outros Estados da nação. Neste sentido *“é possível constatar a presença difusa de um discurso que se articula em torno de uma ‘crise’, de uma ‘identidade’ e de uma ‘nostalgia’.”*⁵⁵

As situações de “crise” são fundamentais para que se crie um antagonismo entre o Rio Grande, os demais Estados e o poder central, imputando-se a culpa dos problemas que afetam o bem-estar e o aproveitamento das potencialidades do Estado àqueles que detêm o controle da nação. Estabelece-se assim o “nós gaúchos” relegados a um segundo plano por “eles” ou os “outros” que controlam o Estado nacional,

⁵² Extraído do livro “Futebol e identidade social – Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes”. DAMO, Arlei Sander. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 128/129.

⁵³ O Sport Club Rio Grande foi fundado em 19 de Julho de 1900, data oficializada pela Confederação Brasileira de Futebol – CBF – como o Dia Nacional do Futebol.

⁵⁴ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. “500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da ‘província de chuteiras’”. In: Anos 90. Porto Alegre: Ed. UFRGS, nº 13, Julho de 2000, p. 22.

⁵⁵ GUAZZELLI, “500 anos...”, 2000, p. 22.

“o que exige a criação de uma “identidade” entre “nós”, possibilitando que crises específicas de setores localizados sejam vistas como ‘crises do Rio Grande’. Neste sentido, foi fundamental a associação de todos os rio-grandenses à imagem do ‘gaúcho’, com as devidas transformações que sofreu em quase dois séculos.”⁵⁶

Já a “nostalgia” opera com as lembranças de um “passado glorioso”, onde o Rio Grande enfrentou com valentia e destemor os inimigos da nação, defendendo as fronteiras do País e a própria nacionalidade. Porém,

“na medida em que perde seu reconhecimento, motivando a ‘nostalgia’, esta é usada para mobilizar a ‘identidade’ de todos para o combate da ‘crise’. E, neste discurso ‘nostálgico’, ressurgem afirmações passadas da província contra o centro do País, como a Guerra dos Farrapos, a Revolução de 30 – os cavalarianos atando os cavalos no obelisco do Rio de Janeiro – ou a Legalidade.”⁵⁷

Com o futebol não seria diferente. É muito comum ouvir nos discursos dos futebolistas rio-grandenses que os clubes gaúchos são prejudicados pelas arbitragens dos jogos, ou por decisões do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva), e sempre em favor dos clubes do centro político do País, ou seja, São Paulo e Rio de Janeiro. Com relação à Seleção Brasileira, muitas foram as reclamações de que jogadores “gaúchos” (entendido como os que atuavam em clubes do Rio Grande do Sul) estavam sendo preteridos por outros de menor capacidade técnica, simplesmente por atuarem em clubes do Rio e de São Paulo. O caso mais polêmico aconteceu em 1972, quando da não-convocação do jogador Everaldo Marques da Silva, do Grêmio, para a seleção que iria defender o Brasil na Taça Independência ou Mini-Copa, realizada no Brasil em 1972, em comemoração ao sesquicentenário da Independência.⁵⁸

Relativamente ao estilo de futebol gaúcho, Guazzelli refere que *“já tornou-se um axioma do senso comum que o futebol no Rio Grande do Sul apresenta características próprias que o diferem do futebol do resto do País: mais virilidade que habilidade, mais força que malícia, mais entrechoque que negaça.”*⁵⁹ E Arlei Sander Damo ressalta que ele é resultante da *“apropriação, por parte dos*

⁵⁶ GUAZZELLI, “500 anos...”, 2000, pp. 22/23.

⁵⁷ GUAZZELLI, “500 anos...”, 2000, p. 23.

⁵⁸ Everaldo foi o único jogador que conquistou o Tricampeonato Mundial no México em 1970 a não ser convocado para a Taça Independência, ato que foi considerado ofensivo ao Rio Grande e gerando uma enorme crise. Esta teve ampla repercussão entre os futebolistas, políticos e imprensa, sendo que a solução para o impasse gerado foi a idéia de se realizar um jogo “tira-teima” entre a seleção brasileira e uma seleção “gaúcha”. O “jogo do século” como ficou conhecido, foi realizado no dia 17 de Junho de 1972, e teve o maior público até hoje no estádio Beira-Rio (106.554 pessoas).

⁵⁹ GUAZZELLI, “500 anos...”, 2000, p. 28.

*futebolistas – sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos – de um discurso preestabelecido de culto às tradições.”.*⁶⁰

Tais discursos buscam traços constitutivos da identidade do povo gaúcho, diferenciando-o da população dos demais Estados e, até mesmo, se contrapondo ao Brasil. Algumas singularidades como a posição geográfica (no “final” do país e próximo aos países do Prata), a condição climática, os levantes armados tanto em defesa das fronteiras como de enfrentamento com o poder central, são evocadas para identificar e distinguir os moradores do Rio Grande do Sul dos de outros Estados. Segundo Damo,

“embora tais singularidades tenham sido evidenciadas desde longa data, a partir dos anos 50 elas adquiriram maior visibilidade. Com o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), elas passaram por um processo de ressemantização através do qual o gaúcho adquiriu uma valorização sem precedentes, algo comparável à transformação operada por Gilberto Freyre em relação à mestiçagem. Porém, no sentido inverso; para o MTG vale o autêntico, o genuíno, o puro.”.⁶¹

O discurso regionalista, de um gaúcho altivo, destemido, valente e lutador – o mitológico “centauro dos pampas”, tão ideologicamente cultuado pelo MTG – que vai ser disseminado em quase todas as instituições gaúchas, também estará presente no futebol. Tais características próprias do gaúcho, aliado ao clima “hostil” (frio, chuvoso, etc.), tornando os campos de futebol enlameados e exigindo uma melhor preparação física dos atletas em detrimento da técnica, *“teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro.”*⁶²

⁶⁰ DAMO, Futebol e identidade..., p. 129.

⁶¹ DAMO, Futebol e identidade..., p. 130.

⁶² DAMO, Futebol e identidade..., p. 132.

3. A fundação do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e a construção de sua identidade

*Até a pé nós iremos
para o que der e vier
mas o certo é que nós estaremos
com o Grêmio onde o Grêmio estiver*

*Cinqüenta anos de glórias
tens imortal tricolor
os feitos da tua história
canta o Rio Grande com amor*

(refrão)

*Nós como bons torcedores
sem hesitarmos sequer
aplaudiremos o Grêmio
aonde o Grêmio estiver*

(refrão)

*Lara o craque imortal
soube seu nome elevar
hoje com o mesmo ideal
nós saberemos te honrar*

Hino do Clube, composto por Lupicínio Rodrigues

Desde a sua fundação, o Sport Club Rio Grande fazia exhibições de *foot-ball* em diversas cidades, principalmente na região sul do Estado. Em cada cidade pela qual passava, um novo clube se fundava. E foi assim que o novo esporte ia se disseminando no Estado e chegou à capital quando os *players* de Rio Grande foram convidados para uma demonstração durante os festejos em comemoração ao Dia da Independência de 1903. Segundo Arlei Damo, apesar da novidade ter se difundido a partir de uma cidade do interior para a Capital,

“não implica que, diferentemente do que ocorreu no centro do País e em outras partes do mundo, aqui no Sul o futebol tenha se desenvolvido da periferia para o centro. Ocorre que, entre os *players* rio-grandinos, a esmagadora maioria era de origem inglesa ou alemã. Ou seja, a introdução do futebol em Porto Alegre contou com a influência decisiva de imigrantes europeus, a quem, via de regra, era imputado esse papel.”⁶³

Na capital gaúcha, os primeiros clubes de futebol fundados foram o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e o Fuss-Ball Porto Alegre, ambos em 15 de Setembro de 1903 (uma semana depois da passagem da delegação de Rio Grande) e

⁶³ DAMO, Futebol e identidade..., pp. 62/63

disputavam entre si “o troféu *Wanderpreis*, muito cobiçado entre os clubes de remo e mais tarde extensivo ao futebol.”⁶⁴

O Grêmio, que desde o início já exercia certa influência no meio futebolístico da cidade⁶⁵, seria o único a sobreviver e se tornaria um grande clube com o passar dos anos. A construção de sua identidade enquanto clube de futebol está muito vinculada aos seus fundadores, de origem germânica. Por possuírem uma “tradição associacionista”, bem como pela rápida ascensão econômica e por terem se instalado próximos à capital, os teuto-brasileiros, segundo Arlei Sander Damo, “contribuíram, direta ou indiretamente, para que se tornassem os principais difusores do *habitus* esportivo em Porto Alegre.”. E conclui:

“Neste processo a intensa participação dos teuto-brasileiros demarca uma peculiaridade da formação urbana porto-alegrense. Em geral conservadores, ligados à elite econômica, os teuto-brasileiros deram aos clubes a *ossatura* administrativa e balizaram os parâmetros éticos e estéticos do gosto esportivo e futebolístico no Rio Grande do Sul. Tais especificidades devem ser consideradas quando se pensa questões envolvendo o estilo de jogo e a identidade nacional.”⁶⁶

O fato de ter sido fundado por teuto-brasileiros, que deram a “*ossatura administrativa e balizaram os parâmetros éticos e estéticos do gosto esportivo e futebolístico no Rio Grande do Sul*”, aliado a concepções baseadas no positivismo que, assim como o próprio futebol, foram importadas da Europa e que por muito tempo esteve presente no ideário dos governantes do Estado, faz com que o estilo de futebol deste clube retrate o que foi definido como “estilo gaúcho de futebol”. Uma mentalidade elitista e segregadora e os ideais de “pureza”, “família” e “tradição”, tão próprias do pensamento positivista e também cultuados pelo MTG, como vimos acima, foram uma constante no ideário gremista desde a sua fundação.

⁶⁴ DAMO, Futebol e identidade... , p. 63.

⁶⁵ “A propósito, o *Frisch Auf* [Equipe Sempre Avante – extinto Departamento de Futebol da Turnerbund, atual Sogipa] fora criado em 1909 pelo professor Jorge Black, um ex-atleta gremista. Este fato revela, por si só, uma certa influência exercida pelo Grêmio desde que o futebol passou a ser praticado em Porto Alegre e, verdade seja dita, até 1909 pouca coisa havia mudado.”. DAMO, Futebol e identidade... , p. 65.

⁶⁶ DAMO, Arlei Sander. “Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil”. In: Verso & Reverso. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, Ano XVI, nº 34, 2002, p.83.

O exemplo mais concreto em relação ao positivismo no Grêmio é o “credo do bom gremista”, também conhecido como a “oração do Dr. Py”⁶⁷, proclamado pelo Dr. Aurélio de Lima Py, em seu discurso de posse no cargo de patrono do clube em 1946, que dá as linhas gerais de porque as pessoas deveriam acreditar (e torcerem) pelo clube:

Penso que todos os clubes deviam tomar como lema a máxima da filosofia comteana, que reza: ‘AMOR POR PRINCÍPIO, ORDEM POR BASE E PROGRESSO POR FIM’. Isso, aplicado ao esporte, seria: ‘Apresentação pública de um padrão de dignidade esportiva servida por insofismável cordialidade, sinceridade de atitudes, lealdade e fraternidade, o que integraria o AMOR por princípio. Procurar o engrandecimento e a prosperidade de seus clubes, o que seria a base construtora e ordem, a disciplina e a obediência por base, e o engrandecimento e a prosperidade que seria o objetivo ou fim do postulado.

E é sob a égide desse princípio que eu formulo o CREDO DO BOM GREMISTA:

CREIO no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense porque sempre foi, é e será um propugnador leal e honesto do esporte integralmente pelos esportes e para o esporte, com a finalidade bendita do aprimoramento físico e moral dos seus associados moços.

CREIO no Grêmio porque ele é um dos baluartes da grandeza esportiva do nosso querido Rio Grande do Sul.

CREIO no Grêmio porque ele é um centro de brasilidade de nossa mocidade.

CREIO no Grêmio porque ele foi, é e será forte nas horas alegres como nas tristes.

CREIO no Grêmio porque propicia aos moços associados as bases de uma educação física, preparando uma geração sã e forte para o engrandecimento de nossa Pátria.

CREIO no Grêmio porque sempre defende as boas causas da mocidade.

CREIO no Grêmio porque é um centro de educação e luta da virtude contra o vício.

CREIO no Grêmio porque, procurando integrar a fórmula do MENS SANA IN CORPORE SANO, ele batalha para a formação física e mental do homem para as lutas da vida.

CREIO no Grêmio porque ele é, a um só tempo, um centro de irradiação esportiva e de educação moral.

CREIO no Grêmio porque, trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro.

CREIO no Grêmio porque a tradição mantém a família gremista unida, forte e entusiasta.

CREIO no Grêmio porque ele cultua a tradição dos seus feitos através de várias gerações.

CREIO no Grêmio pela vibração de alma que esse culto realça.

CREIO no Grêmio pela continuidade de suas vitórias glorificadoras.

CREIO no Grêmio por tudo isso, e mais, pelo destemor de suas atitudes na defesa do bom nome esportivo da nossa amada gleba.

⁶⁷ O Dr. Aurélio de Lima Py foi escolhido por unanimidade pelo Conselho Deliberativo como patrono do Grêmio em 1946. Já havia sido presidente do clube por nove vezes, entre 1912 e 1930, e do Conselho Deliberativo, de 1937 a 1943. (DAMO, Futebol e identidade..., p. 109).

CREIO, por fim, no Grêmio, com o entusiasmo que faz milagres, pelo bem de todo gremista sincero.

Pelo perdão a família gremista pelo pouco que aqui fica dito em face do muito que mereceria ser dito. (Mosqueteiro, nº 1; ano I:2)⁶⁸

Segundo Arlei Damo, *“o discurso do Dr. Py apenas ratifica determinadas filiações cuja procedência poderia ser detectada indiretamente.”*. E prossegue:

“Se as premissas positivistas foram determinantes para o sucesso do Grêmio, especialmente até a década de quarenta, a recíproca também é verdadeira. Em outras palavras, a disciplina, a organização e as conquistas do Grêmio, invariavelmente atribuídas ao trabalho perseverante e à dedicação de seus atletas, dirigentes e associados, criaram um terreno apropriado para a disseminação de tais idéias.”⁶⁹

Isso explica porque o clube, em algumas ocasiões, mesmo com times medianos, consegue avançar nas competições e até sagrar-se campeão (cabe lembrar o recente sucesso do clube no Campeonato Nacional e a frase pronunciada pelo jogador Roger: *“o Grêmio é um time de operários”*). Não é necessário ter um time de ótimos jogadores, mas sim de jogadores eficientes. O time vem antes, os jogadores depois, como menciona Damo:

“Mesmo que implicitamente, o estilo gremista é deslocado do cenário nacional. Ao contrário do futebol-arte, o sucesso do Grêmio reside na coletividade, no espírito de grupo, na superação, na solidariedade e em outros tantos valores que, se não anulam as individualidades, colocam-nas em segundo plano.”⁷⁰

Todavia, no Brasil, em geral acontece o contrário: importam os “craques”, os jogadores talentosos, o futebol brilhante; depois vem o time, o “conjunto”, o grupo. Simplesmente vencer sem uma grande atuação, sem as jogadas individuais, sem os “toques mágicos”, é algo que o futebol brasileiro não aceita facilmente. A Copa de 94 é um marco neste sentido. Fomos os Campeões, mas isto não impediu que uma boa parcela da crônica esportiva e da própria população criticasse e fizesse ressalvas: o futebol foi por demais pragmático e faltaram jogadas de efeito; fazendo, inclusive, que muitos, até hoje, declarem que quem ganhou a Copa foi Romário, indubitavelmente o jogador mais talentoso daquela seleção. Na ocasião, priorizou-se o futebol-força em detrimento do futebol-arte. De outro lado, embora derrotados na Copa de 1982, os jogos da seleção brasileira, com a óbvia exceção do último, ficaram na memória do

⁶⁸ Encontrado em DAMO, Futebol e identidade..., pp. 110/111.

⁶⁹ DAMO, Futebol e identidade..., p. 111.

⁷⁰ DAMO, Futebol e identidade..., p. 142.

torcedor como momentos brilhantes do nosso mais puro futebol-arte, tanto que aquela seleção foi considerada como uma das melhores que o Brasil já teve.

Ainda em relação ao futebol praticado pelo Grêmio, Damo afirma:

“Se se pretendesse uma definição abrangente acerca do impacto das recentes conquistas do Grêmio no cenário nacional e continental [referindo-se ao período 1995-1997], poder-se-ia afirmar que estas se caracterizaram como um mal-estar no futebol-arte. Esse mal-estar foi decorrente da eficácia de um estilo de jogo considerado diferente e, em determinados momentos, oposto ao brasileiro. Para os adeptos do ‘futebol-arte’, o dilema consistia em como e onde enquadrar o estilo adotado pelo Grêmio, já que esse clube, sendo gaúcho, era brasileiro mas, paradoxalmente, afrontava uma concepção de futebol que é, em si mesma, sinônimo de brasilidade. Já os defensores do estilo gremista tinham a difícil tarefa de fazer crer aos primeiros que o Grêmio, apesar das diferenças, ainda era um time brasileiro. Mas, como reivindicar essa inclusão se eles próprios sugeriam a incompatibilidade das diferenças?”.⁷¹

Neste sentido, o futebol praticado pelo Grêmio vai se apartando cada vez mais do futebol-arte brasileiro e, de outro lado, se afirmando como o legítimo representante do futebol-força gaúcho.

Tal distanciamento não se deu apenas dentro do campo. O comportamento da torcida nas arquibancadas, como não podia deixar de ser, acompanhou o rumo tomado pelo clube. Arlei Damo, ainda analisando o período vitorioso do Grêmio nos anos 90, destaca o comportamento da torcida após a partida decisiva pela Copa do Brasil de 1995, realizada no estádio Olímpico e vencida pelo Corinthians paulista:

“Findo o jogo decisivo, pôde-se ouvir, então, os gritos da torcida corinthiana presente no estádio – *‘É, campeão! É, campeão!’* – e o foguetório colorado fora dele. Mas isto foi apenas um instante, uma fração de tempo imediatamente após o apito final. Em seguida os torcedores gremistas começaram a aplaudir e, rapidamente, o hino do clube, cantado pelos torcedores, foi sufocando a festa colorada e corinthiana - *Até a pé nós iremos/para o que der e vier/Mas o certo é que nós estaremos/Com o Grêmio onde o Grêmio estiver.* [...] Não é sempre que a frustração da derrota possibilita a coesão e mais raro ainda é ver o coro do perdedor, dos ‘sofredores’, calar o ufanismo dos vitoriosos. É bem verdade que quase todos os hinos dos clubes trazem uma mensagem de fidelidade e até se diz que o bom torcedor se conhece na derrota. Porém, o mais comum é que esse sofrimento se expresse pelo silêncio.”⁷²

⁷¹ DAMO, Futebol e identidade..., p. 136.

⁷² DAMO, Futebol e identidade..., p. 145.

Com efeito, o famoso “complexo de vira-latas”⁷³, anunciado por Nelson Rodrigues, certamente não se aplica à torcida do Grêmio, e aí reside mais uma diferença em relação às demais torcidas do país. É muito difícil, principalmente após uma decisão de campeonato, a torcida derrotada sair do estádio cantando, ainda que não de alegria; mas o simples fato de não sair silenciosa e cabisbaixa, ou bradando xingamentos, por certo demonstra elevada auto-estima, o que não se coaduna com o “complexo de vira-latas” do referenciado autor. E, segundo Hilário Franco, o comportamento das torcidas tem muito a ver com a sua auto-estima:

“Joga-se como se vive”, e torce-se como se vive. A velha questão de se é o time que puxa a torcida ou é a torcida que empurra o time não tem resposta única. Depende justamente do perfil psicológico da coletividade considerada. Grupos mais agressivos, no sentido positivo do termo, tendem a cantar durante quase toda a partida, independentemente da qualidade da atuação da equipe e do resultado que está sendo obtido. É o comportamento padrão, por exemplo, de argentinos, escoceses, ingleses e alemães. Isto é, povos de elevada auto-estima e que acreditam na sua capacidade de intervir no desenrolar dos fatos. [...] Grupos mais inseguros, por sua vez, tendem a se manifestar de acordo com o que vêem em campo. Podem rapidamente passar do entusiasmo ao abatimento. É o procedimento de brasileiros, espanhóis, franceses, italianos e portugueses.”.(p.317/318)

É interessante destacar que Franco elenca, entre os grupos de elevada auto-estima, os argentinos, e entre os mais inseguros, os brasileiros.

Ainda se referindo ao estilo de jogo gremista, Damo aponta uma aproximação do clube com os vizinhos portenhos:

“Nessa perspectiva, o Grêmio era o mais europeu e, por extensão, moderno, e também o mais portenho e, conseqüentemente, obsoleto dos times brasileiros. Isso não significa que o futebol dos vizinhos uruguaios e argentinos, com os quais os brasileiros rivalizam desde o princípio do século, seja considerado antiquado. O que sempre se diz é que eles são competitivos a ponto de usar dispositivos contrários ao fair-play. E o Grêmio era um

⁷³ Nelson Rodrigues, para tentar achar uma explicação pela derrota sofrida na decisão da Copa de 50 para o Uruguai, em pleno Maracanã, desenvolveu uma teoria sobre o povo brasileiro e, conseqüentemente, os jogadores da seleção, divulgada às vésperas da Copa do Mundo de 1958, no jornal carioca “Manchete Esportiva de 31/05/1958:

“A pura, a santa verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira-latas’.

Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica inverdade... Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés como se vira-latas fôssemos.”.

exemplo dessa competitividade, por vezes excessiva, incompatível com o futebol-arte que caracteriza a ‘tradição’ brasileira.”⁷⁴

É possível constatar também esta “argentinização” das arquibancadas gremistas quando, imediatamente após um gol, ocorre a “avalanche”⁷⁵, uma coreografia muito utilizada nos estádios argentinos e que está sendo utilizada por uma parcela da torcida, principalmente aquela que se coloca atrás de uma das goleiras. Cantos em castelhano e a imitação de cantorias argentinas traduzidas para o português também denotam esse processo. Este comportamento, inclusive, já chamou a atenção de cronistas esportivos e jogadores daqui e de fora do Estado, como podemos observar nas seguintes colocações extraídas do jornal Correio do Povo:

*“...’Vamos lá para ganhar’, completa o zagueiro Rodrigo. Ele sabe das dificuldades em jogar no Olímpico. ‘É complicado para todos, não só para nós. A torcida entra naquele embalo argentino, cantando o tempo inteiro e empurrando o Grêmio’, concluiu Rodrigo.”*⁷⁶

*“A torcida do Grêmio está eufórica e com razão. O grito de ‘O Grêmio va salir campeón’ se justifica cada vez mais. A tabela sorri para o Grêmio.[...]”*⁷⁷

Por fim, traçando um sinal de igualdade entre todos os clubes de futebol “gaúchos”, Damo propõe que o que naquele momento estava acontecendo com o Grêmio, ou seja, o “desencaixe” em relação ao futebol brasileiro, poderia acontecer com o Internacional, no futuro, quando este clube voltasse a vencer no cenário nacional:

*“Encerrava-se, então, um ciclo vitorioso do Grêmio. O futebol opera uma temporalidade cíclica, um constante perde e ganha. Já o gauchismo, mais inclinado à linearidade cumulativa, preserva um substrato que precisa ser constantemente atualizado e, assim sendo, nada impede que o Inter, em breve, passe a desempenhar esse papel.”*⁷⁸

Porém, conforme tentaremos comprovar no próximo capítulo, o futebol colorado foi construído de forma diversa da do Grêmio e, na maioria das vezes,

⁷⁴ DAMO, Futebol e identidade..., p. 143.

⁷⁵ Nome dado a uma movimentação da torcida, a cada gol de seu time, descendo rapidamente as arquibancadas em direção à mureta de proteção, dando a impressão de um deslizamento, de uma avalanche.

⁷⁶ Correio do Povo, Porto Alegre. 14/08/2008, p.31. Declaração do zagueiro Rodrigo, do São Paulo Futebol Clube.

⁷⁷ Correio do Povo, Porto Alegre. 12/10/2008, p.18. Coluna do cronista esportivo Luiz Carlos Reche, se referindo à liderança do Grêmio no Campeonato Brasileiro de 2008, faltando poucas rodadas para o final.

⁷⁸ DAMO, Futebol e identidade..., p.150

se contrapondo ao eterno aqui-rival, gestando-se, assim, um estilo de jogo mais próximo daquele considerado como brasileiro do que aquele definido como “gaúcho”.

4. A construção identitária do Sport Clube Internacional

“Estávamos em Nova York, preparando-nos para pegar um navio e retornar ao Brasil, quando acabou a guerra. Na volta a Porto Alegre, eu precisava escolher um time para torcer. Era uma maneira de me reintegrar na cidade e de me reabrasileirar. Escolhi o Inter porque era o time em evidência no momento, o time que ganhava todas, o “Rolo” arrasador. Mas havia outra razão. O Grêmio era o clube dos grã-finos, não aceitava jogadores negros. O Inter era o “Clube do Povo”, a maioria dos seus jogadores era de negros. Não que, aos dez anos, eu me preocupasse muito, a ponto de me revoltar, com divisão de classes e racismo. Só achava mais simpático aquele time dos pobres que regularmente batia no time dos ricos. Os negrinho contra os alemão. Talvez eu continuasse mobilizado para a guerra.”.

L. F. Veríssimo

Do tripé “reconhecimento, distinção e memória” que escolhemos como elementos constitutivos da construção da identidade, centrarei a análise identitária do Sport Club Internacional a partir do elemento distinção, que, sem dúvida alguma é o principal, uma vez que o surgimento do clube tem uma relação direta com o outro grande clube de futebol da cidade, o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense:

A origem do Sport Club Internacional está associada a três integrantes da família Poppe: Henrique, José e Luis. Eles chegaram a Porto Alegre, em 1908, vindos de São Paulo, foi fácil abrir uma loja de roupas e logo começar a ganhar dinheiro [...] Difícil mesmo para os Poppe foi serem aceitos como sócios em algum clube da cidade. Jovens de 20 e poucos anos, eles queriam praticar esportes, de preferência o futebol. Mas o Grêmio, que já existia há seis anos, se fechou para eles. E também os clubes de remo, de tiro, de tênis. A desculpa era sempre a mesma: gente recém chegada, pouco conhecida... Aí, os irmãos Poppe se irritaram e resolveram fundar seu próprio clube. Começa assim a história do Sport Club Internacional.⁷⁹

Como vimos no capítulo reservado ao Grêmio, este clube foi fundado por alemães e, como coloca Damo, *“os teuto-brasileiros deram aos clubes a ossatura administrativa e balizaram os parâmetros éticos e estéticos do gosto esportivo e futebolístico no Rio Grande do Sul”*. Já o Internacional foi fundado apesar e contra os alemães e sua mentalidade elitista, conforme encontramos também no site

⁷⁹ Disponível no site oficial do clube <www.internacional.com.br> Link ‘Clube/Histórico/Fundação’. Acessado em 26/10/2008.

oficial do clube: “*O novo clube segundo Henrique [Poppe] deveria ser aberto a todos, ricos e pobres, brasileiros e estrangeiros.*”⁸⁰ O próprio nome, “Internacional”, tem relação direta com esta política associativa que aceitava pessoas de todas as nacionalidades.

E este caráter democrático que o site do clube faz questão de frisar é que vai aprofundar a distinção, uma vez que, diferentemente do Grêmio, para o Internacional, ao aceitar “pobres e ricos”, a questão racial e econômica não terá relevância quando do recrutamento de sócios: “*Porém, é importante ressaltar um fato histórico relevante: desde a sua fundação, o Colorado permitia integrantes negros ou de qualquer outra raça ou nacionalidade. Inclusive dois negros assinaram a ata de fundação do clube no histórico dia 4 de abril de 1909.*”⁸¹

Esta questão é importante para entendermos porque o Internacional já a partir de 1926 começa a aceitar jogadores negros em seu time, antes da profissionalização total do futebol no Brasil (1933) e muito antes também de o Grêmio aceitar negros em seu time, o que só ocorreu a partir de 1952.⁸²

Ainda no site do clube podemos encontrar a justificativa, bastante plausível, de porque, sendo o Internacional um clube que não segregava racialmente, somente em 1926 passa a aceitar jogadores negros em seu time:

“[...] Inclusive dois negros assinaram a ata de fundação do clube no histórico dia 4 de abril de 1909. Porém, como apenas abnegados amadores atuavam no clube até 1926, os atletas eram, em sua maioria, de classe alta. Os jogadores negros preferiam jogar 'profissionalmente' na 'Liga da Canela Preta', que pagava bonificações para os atletas participantes. Somente quando os clubes passaram a se profissionalizar e pagar salários, ainda que baixos, os atletas negros começaram a aceitar convites para jogar no Internacional, um clube que, desde sua fundação, jamais aceitou atos discriminatórios de qualquer espécie.”⁸³

Esta explicação encontra respaldo no sub-capítulo “A incorporação do negro...”, que trata da questão da profissionalização x amadorismo no futebol

⁸⁰ Disponível no site oficial do clube <www.internacional.com.br> Link ‘Clube/Histórico/Fundação’. Acessado em 26/10/2008.

⁸¹ Disponível no site oficial do clube <www.internacional.com.br> Link ‘Clube/Histórico/Rolo Compressor - Anos 40’. Acessado em 26/10/2008.

⁸² Foi nesta data que, por ironia, um ex-jogador do Internacional e, para muitos, o melhor jogador que o clube já teve em todos os tempos, o Tesourinha, foi contratado pelo Grêmio. Osmar Fortes Barcelos ficou mais conhecido como “Tesourinha”, apelido herdado do bloco carnavalesco “Os Tesouras”, dirigido pela sua família. Tesourinha estreou no Inter em 22/10/1939, permanecendo até 1949. Fez parte de um dos melhores e inesquecíveis times do clube: o Rolo Compressor. Jogou na seleção brasileira e só não participou da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, porque estava lesionado.

⁸³ Disponível no site oficial do clube www.internacional.com.br. Link ‘Clube/Histórico/Fundação’. Acessado em 26/10/2008.

brasileiro e é pertinente na medida em que alguns autores, entre eles Arlei Damo, passam a questionar o censo comum que atribui ao Internacional “*conotações ‘populares’ e de ‘massa’*”:

“De outra parte, a proeminência germânica deu margem a uma série de acusações. A mais freqüente, em geral infundada, é de que as respectivas associações, incluindo o próprio Grêmio, teriam dado suporte à propaganda nazista. Deram margem às suspeitas os rígidos critérios de admissão de novos sócios, escolhidos ‘a dedo’ entre os próprios teutos ou, no máximo, entre a elite porto-alegrense, que, assim sendo, despertavam ressentimentos entre os grupos menos cotados social e economicamente.”⁸⁴

E, mais adiante, conclui:

“[...] Via de regra, todos se referem ao Inter como um ‘clube do povo’ e, para justificar este predicativo, criam narrativas em que a imagem do Grêmio aparece, invariavelmente, associada a uma elite segregadora. Já ao Inter atribui-se uma série de conotações ‘populares’ e de ‘massa’ que, embora procedentes, só haveriam de se configurar nas décadas de 30 e 40. Em resumo, nem o Inter e muito menos o Grêmio foram forjados a partir da mobilização popular, mas de acordo com o contexto futebolístico da época, ambos são tributários de pessoas e grupos que, competindo entre si, buscavam se afirmar dentro de um mesmo universo sociocultural.”⁸⁵

Porém, parece contraditório pensar que os critérios rígidos de seleção de novos associados praticados pelo Grêmio, que excluía os que não pertenciam a uma “elite porto-alegrense”, “despertavam ressentimentos” dos que dela não pertenciam e que, em contrapartida, a criação de outro clube de futebol que aceitasse “ricos e pobres, brasileiros e estrangeiros”, não tenha resultado de uma mobilização popular. Considerando que a fundação do Internacional se deu claramente em contraposição à política associativa praticada tanto pelo Grêmio como pelos demais clubes da cidade, a hipótese de uma mobilização social era provável. E nesse contexto, ainda que sem origem numa revolta popular ou outro processo do gênero, não é forçoso considerar que a fundação do novo clube consistiu num reflexo da indignação e inconformidade da comunidade, em face das regras discriminatórias de associação dos clubes pré-existentes. Assim, o Sport Clube Internacional, que foi fundado, não por teuto-brasileiros, mas por ítalo-brasileiros vindos de São Paulo, onde o futebol já estava bem difundido e havia alcançado as classes menos favorecidas, se tornou a alternativa clubística –

⁸⁴ DAMO, Futebol e identidade..., pp. 64/65.

⁸⁵ DAMO, Futebol e identidade..., pp. 65/66.

a única talvez – das pessoas e “*grupos menos cotados social e economicamente*”.⁸⁶

A justificativa com a qual trabalha Damo ao concluir que “*ao Inter atribui-se uma série de conotações ‘populares’ e de ‘massa’ que, embora procedentes, só haveriam de se configurar nas décadas de 30 e 40*”⁸⁷, se dá “*pela emergência do profissionalismo [no Rio Grande do Sul em 1937] e pela nova modalidade de público que ocorria aos jogos*”. O Inter, que já praticava um profissionalismo “marrom”, vai se adaptar melhor a estas mudanças e dar prosseguimento ao recrutamento de jogadores negros provenientes da “*Liga dos Canela Pretas*”⁸⁸. E prossegue:

“Torcer se tornava uma possibilidade em aberto à medida que os clubes, ganhando espaço nas rádios e nos jornais, aproximavam-se do grande público, bem diferente do que fora nos primeiros tempos, quando apenas uma parcela restrita da população, aquela de maior poder aquisitivo, tinha acesso ao quadro social e aos estádios.”⁸⁹

Hilário Franco Júnior, referindo-se também ao início da prática futebolística no Brasil e suas vinculações clubísticas, aproximando-se das colocações de Rufino dos Santos, aponta “*que o futebol tornara-se um novo item da modernidade européia*” a ser incorporado pelas elites brasileiras, e, portanto, somente poderia ser praticado por “*pessoas de igual condição social e racial*”. E continua:

“*Numa verdadeira profissão de fé, o primeiro número de um novo periódico lançado no Rio de Janeiro declarava solenemente que ‘o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. [Se*

⁸⁶ Rufino dos Santos, se referindo ao processo de democratização do futebol brasileiro, escreve sobre a fundação dos chamados “times do povo”: “Nesta fase branca e inglesa do nosso futebol já se poderiam notar os germes que acabariam com ela. O povo, de alguma maneira, participava do espetáculo, torcendo nas gerais ou aproveitando o breve instante em que a bola transpunha o muro, para alguns chutes e embaixadas. [...] Clubes de esquina começaram a aparecer em todo o país. O mais famoso foi o Corinthians Paulista. O Corinthians inglês, em 1920, numa excursão pela América do Sul, chegou aqui e goleou todo mundo – deu no Paulistano de 7 a 0 e no Fluminense do Rio, de 8 a 1. Suas vitórias foram recebidas pela turma da geral e pela ‘corja fedorenta’, que espiava por detrás do muro, como vingança. (Naquela fase éramos ‘fregueses de caderno’ de ingleses e argentinos.) Um mês depois, um grupo de artesãos e pequenos funcionários fundou o Corinthians Paulista, no Bom Retiro. Ao lado dos grã-finos do S. P. Athletic, e do The S. P. Railway, havia, agora, um time do povo. Não é por acaso que em todas as capitais do país existem, até hoje, ‘times do povo’: o Vasco, o Internacional, o Atlético, o Santa Cruz... Luta de classes da boa.”. SANTOS, História política..., pp. 16/17.

⁸⁷ DAMO, Futebol e identidade..., p. 64.

⁸⁸ “Na verdade, a Liga dos Canelas Pretas, como era popularmente conhecida, chamava-se Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense e dela participavam várias agremiações, todas elas formadas por jogadores negros e mulatos”. DAMO, Futebol e identidade..., p.90.

⁸⁹ DAMO, Futebol e identidade..., p. 94.

formos] obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão' (Sports, 6/8/1915)."⁹⁰

Esta visão elitista era reflexo da própria estrutura política e social do país na época que, segundo as medidas restritivas de sua própria Constituição, faziam com que, por exemplo, o eleitorado brasileiro não ultrapassasse os 4%. Neste sentido, a criação das ligas de futebol que agregavam os clubes de elite, seguia a mesma lógica excludente, permitindo o acesso somente dos que se identificavam como legítimos herdeiros do futebol inglês.

Porém, assim como na política os excluídos procuravam formas de inserção, tanto pelas vias legais como pelas subversivas, a “pureza” do amadorismo começou a ser desafiada pelo interesse e pelo gosto crescente que as camadas médias e subalternas nutriam pelo futebol:

“As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. E alastrava-se pelos subúrbios proletários. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910).”⁹¹

Entretanto, como os estudos a respeito da real condição social dos primeiros associados do Internacional ainda são muito escassos, não podemos, por enquanto, afirmar, como o faz Franco Júnior, que o processo de fundação do Colorado tenha se dado da mesma forma que aconteceu com o Corinthians Paulista, ou seja, que tenha sido resultado de uma mobilização social. Até porque, no Rio Grande do Sul, alguns clubes do interior do Estado já possuíam negros jogando em seus times antes do Internacional, como é o caso, por exemplo, do Guarani de Bagé e do Brasil de Pelotas, estes de fato abertos a todos indiscriminadamente. Além disso, o fato de trabalharmos bastante, nesta questão, com informações retiradas do sítio oficial do clube, nos dá uma visão parcial do problema, ou seja, a visão que o clube tem de si mesmo, o que pode não corresponder à realidade. De toda maneira, esta não é a questão central que norteia a minha hipótese, servindo apenas como mais um elemento para se pensar e, quem sabe, ser objeto de estudos futuros mais aprofundados.

⁹⁰ FRANCO JÚNIOR., A dança dos deuses..., p. 63.

⁹¹ FRANCO JÚNIOR., A dança dos deuses..., pp. 63/64

Além de o clube ter sido fundado por pessoas oriundas de fora do Estado e apresentar uma “democratização funcional”⁹² anterior ao Grêmio, outros elementos constitutivos da história e da identidade do Internacional nos remetem ao caráter mais nacionalista do que regionalista do clube, embora esta análise possa ser contestada, principalmente por aqueles que exaltam o “povo gaúcho” e, em conseqüência, seu futebol, como sendo algo genuíno e diferente do resto do país. Expressões que aparecem no hino do clube, criado pelo carioca Nelson Silva em 1957⁹³, como “Glória do desporto nacional”, “Vibra o Brasil inteiro” e “Orgulho do Brasil”, demonstram uma tendência de integração nacional, enquanto expressões similares não aparecem no hino do Grêmio.

Outro elemento curioso da história do Internacional, em contraposição ao Grêmio, é a relação do clube com o órgão máximo do futebol brasileiro: a Confederação Brasileira de Desportos – CBD e depois sua sucessora a Confederação Brasileira de Futebol – CBF. Para a Copa de 1950, disputada no Brasil, o estádio do Colorado, os Eucaliptos, depois de passar por reformas, vai ser a sede de dois jogos. Para a Copa de 2014, que também será realizada no Brasil, a CBF já escolheu o Beira-Rio como estádio que irá abrigar os jogos em Porto Alegre.

A seleção brasileira de futebol campeã dos jogos pan-americanos de 1956, na Cidade do México, era formada exclusivamente por jogadores que atuavam no Rio Grande do Sul, cuja base do time era o Internacional (*figura 3*). Mas outra convocação, muito mais impactante, foi quando a CBF solicitou ao clube o “empréstimo” do seu time para representar o país nos Jogos Olímpicos de 1984,

⁹² Para conceitualizar “democratização funcional”, utilizamos a definição de Arlei Damo, que escreve: “A redefinição e diferenciação dos papéis e o profissionalismo seriam os responsáveis pela ‘democratização funcional’, a partir da qual a elite passou para o controle e administração dos clubes e os jogadores passaram a ser valorizados pelas suas qualidades técnicas, possibilitando, assim, a ascensão de atletas anteriormente social e racialmente discriminados.

⁹³ “No final dos anos 50 o Inter sentiu necessidade de ter um hino, uma canção formal de celebração dos sentimentos colorados. Fez-se um concurso, houve muitos candidatos, mas nenhum dos hinos satisfaz a alma colorada como aquele que fora feito numa tarde de sofrimento de torcedor. O torcedor era Néelson Silva, carioca, compositor de morro, e que morava em Porto Alegre. O Inter desandava contra o Aymoré, o ano era 57. Ele escutava o jogo e esperava a namorada leda, mas esqueceu o compromisso daquela tarde. Sentou brabo na mesa de um bar em frente, e por razões de quem é artista, começou a escrever um hino de louvação ao Inter. Quando concluiu a última estrofe com o Clube do povo/ do Rio Grande do Sul, teve a sensação de que era isto que seria cantado pelo torcedor. Foi o que aconteceu, Celeiro de Ases é hoje o hino oficial do Internacional e do torcedor colorado.”. Disponível no site oficial do clube <www.internacional.com.br> Link ‘Clube/Símbolos/O Hino’. Acessado em 26/10/2008.

em Los Angeles.⁹⁴ (figura 4) No total, onze jogadores do Colorado foram convocados para esta competição, somando-se a eles alguns jogadores de outros clubes, mas somente três que não pertenciam ao Internacional acabaram jogando.⁹⁵ É importante ressaltar que neste momento o Internacional se tornou o time da Seleção Brasileira, se confundindo, portanto, com a própria nação, conforme refere Édison Luis Gastaldo: “*Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas ‘seleções nacionais’, uma espécie de ‘encarnação simbólica’ de cada nação participante do evento.*”⁹⁶ Embora o referido evento não ser uma Copa do Mundo, era uma competição internacional importante e certamente houve a “encarnação simbólica” da nação.

A convocação de jogadores do Internacional para servir ao selecionado brasileiro sempre foi um pouco superior a do Grêmio, conforme escreve Arlei Damo:

“[...] Entre os tetracampeões mundiais estavam Taffarel, Gilmar, Branco e Dunga, todos gaúchos, e Márcio Santos, com passagem pelo Internacional; em 1970, no México, Everaldo, lateral-esquerdo do Grêmio, foi titular de Zagallo; e Luiz Carvalho, centroavante gremista, só não foi à Copa de 34 porque declinou do convite alegando ‘inadiáveis compromissos profissionais’.”

Lembrando que dos “gaúchos tetracampeões” citados, Taffarel, Gilmar e Dunga são oriundos do Internacional e Branco saiu de Bagé diretamente para o Rio de Janeiro, sem ter jogado antes na dupla Gre-Nal. E prossegue:

“Os mesmos gaúchos lembram-se, porém, que Falcão foi preterido por Cláudio Coutinho em 1978; que Leão, na época goleiro do Grêmio, não foi convocado por Telê Santana em 1982 e, se isto não bastasse, Paulo Isidoro, também gremista, ficou no banco de reservas. Pior ainda foi em 1986, quando

⁹⁴ Há muitas referências a esta surpreendente e pitoresca participação do Internacional vestindo a camisa da Seleção Brasileira de Futebol em uma competição oficial de caráter mundial, como esta feita pelo escritor Luis Fernando Veríssimo: “*Houve outras temporadas e muitos outros jogos dignos de lembrança, depois do tricampeonato brasileiro. Em 1980 o Inter chegou à final da Copa Libertadores da América, perdendo para o Nacional de Montevideú. [...] Em 1984, jogando com a camiseta do Brasil, ganhou a medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles.*”. VERÍSSIMO, Internacional – autobiografia ..., p. 121.

⁹⁵ Os três jogadores foram Chicão, centroavante da Ponte Preta, Ronaldo, lateral-direito do Corinthians e Gilmar “Popoca” do Flamengo, sendo que os dois últimos eram titulares e Chicão entrou em alguns jogos. Na decisão o Brasil acabou derrotado pela seleção francesa (que pouco antes havia vencido a “Euro-Copa 84”), com o maior público registrado até então em um estádio olímpico: “No dia 11 de agosto, diante de um incrível público de 101.799 pessoas, o Brasil entrou em campo do Estádio Rose Bowl, em Pasadena, com Gilmar no gol, Ronaldo, Pinga, Mauro Galvão e André Luís na defesa, Ademir, Dunga, Tonho e Gilmar Popoca no meio para servir os atacantes Kita e Silvinho. No total 9 jogadores do Internacional auxiliados por Ronaldo, do Corinthians, e Popoca, do Flamengo.”. Disponível em <<http://www.fanaticosporfutebol.com.br>> Acessado em 24/11/2008.

⁹⁶ GASTALDO, Édison Luis. “A Pátria na ‘imprensa de chuteiras’: futebol, mídia e identidades brasileiras”. In: Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p. 93.

o mesmo Telê, pouco antes do embarque para o México, desconvocou Renato, do Grêmio, alegando indisciplina.”⁹⁷

Pode-se observar nas breves recordações que Damo faz de jogadores “gaúchos” convocados ou não para compor a seleção brasileira, que entre os recrutados há uma maioria de colorados, e entre os preteridos há uma maioria de gremistas.

Ainda neste rol de convocações, não podemos esquecer a de Tesourinha, do Internacional dos anos 40, tempo em que somente um jogador muito superior aos demais em todo o país (foi eleito o melhor jogador do Brasil no Concurso Melhoral dos Craques do Brasil, em 1948, com quase quatro milhões de votos)⁹⁸, poderia ser chamado para jogar em uma seleção que, até então, era quase sempre formada por um combinado de jogadores do Rio e de São Paulo:

“Ele [Tesourinha] (*figura 5*) era o principal jogador do “Rolo Compressor”. Franzino, um aspecto frágil. Meio encurvado. Coxas coladas. Em 1946, quando o vi jogar pela primeira vez, já era considerado o melhor ponteiro direito do Brasil. Fora convocado para a seleção nacional que disputou o Campeonato Sul americano de 1945, quando formara na melhor “linha”, como se dizia então, que o Brasil já teve, na opinião de muita gente: ele, Zizinho, Heleno, Jair e Ademir (*figura 6*). Todos os grandes clubes do Brasil queriam comprá-lo.”⁹⁹

Outro aspecto que pode ser levantado nesta perspectiva de o Internacional se adaptar melhor no âmbito do futebol nacional do que o Grêmio, é com relação aos treinadores dos grandes times vencedores que os clubes tiveram. O técnico do “Rolo Compressor” colorado é frequentemente ocultado, provavelmente porque a excelência do time, predominantemente composto por negros¹⁰⁰ (*figura 7*), dispensava a figura do treinador. Já o “Rolinho” que surgira logo em seguida (1951-1955) era treinado por José Francisco Duarte Jr., o Teté, natural de Pelotas.

Doravante, quase todos os bons e grandes times que o Internacional formou, contaram com técnicos de fora do Rio Grande do Sul. A formação do grande time Bi-Campeão Brasileiro de 1975/1976, começou com Dino Sani e foi finalizada por Rubens Minelli, ambos paulistas; em 1989, na vitória no Gre-Nal do século e chegada nas semifinais da Libertadores da América, o time era

⁹⁷ DAMO, Futebol e identidade..., pp. 132/133.

⁹⁸ CABRAL, Cláudio Quintana & GARCIA, João. “Tesourinha – Ainda o melhor de todos”. In: Do futebol e da vida - ou de louco todos nós temos um pouco. Porto Alegre: AGE, 2001, p.97.

⁹⁹ VERÍSSIMO, Internacional – autobiografia..., p. 40.

¹⁰⁰ “O rolo não era apenas um time de negros, senão que de negros vencedores.”. DAMO, Futebol e identidade..., p. 98.

comandado pelo carioca Abel Braga; o título da Copa do Brasil de 1992 foi vencido pelo Inter sob o comando do também carioca Antonio Lopes; em 2005, Campeão Brasileiro “moral”, (o título ficou com o Corinthians, tendo sido beneficiado pela intervenção do Supremo Tribunal de Justiça Desportiva – STJD), o time era treinado por Murici Ramalho, de São Paulo, também responsável por formar a base do time que, no ano seguinte, iria conquistar os maiores títulos do clube; e, por fim, a consagração de 2006 com os títulos da América e Mundial Interclubes se deram com a volta do carioca Abel Braga ao comando. A exceção neste rol de grandes times comandados por técnicos de fora do Estado e vencedores no Internacional, fica por conta do gaúcho Ênio Andrade, Campeão Brasileiro Invicto em 1979 e Vice-campeão da América em 1980.

Por sua vez, os grandes times vencedores do Grêmio quase que invariavelmente tiveram no comando treinadores gaúchos. Começando por Oswaldo Rolla, o Foguinho, que venceu 12 campeonatos gaúchos em 13 anos, no qual os “Mandarins Colorados” se basearam para aplicar a sua concepção de futebol¹⁰¹; passando por Ênio Andrade, Campeão Brasileiro de 1981; Valdir Espinosa, Campeão da América e do Mundial Interclubes em 1983; Cláudio Pires Duarte, Campeão da Copa do Brasil de 1989; Luiz Felipe Scolari, Campeão da Copa do Brasil 1994, da América 1995, Brasileiro de 1996; Adenor Bacchi, o Tite, vencedor da Copa do Brasil de 2001; e finalizando com a famosa “Batalha dos Aflitos”¹⁰² (Campeão Brasileiro da série B de 2005) e Vice-campeão da América em 2007, sob o comando de Mano Menezes. A exceção, para comprovar a regra, foi o título da Copa do Brasil de 1997, conquistado sob o comando do carioca Evaristo de Macedo.

No momento atual, o Grêmio, treinado pelo gaúcho Celso Roth, se encontra na segunda posição do Campeonato Brasileiro, tendo liderado o certame por mais de dois meses (18 rodadas), com um time considerado por todos como “mediano” e com reduzida folha salarial: *“A folha salarial do Grêmio é de R\$ 1 milhão. Se for campeão do Brasileiro, será o campeão mais barato na história dos*

¹⁰¹ No meio esportivo a expressão “concepção de futebol” é utilizada querendo expressar um conjunto de idéias a respeito de estilos de jogo e de como se deve praticar este esporte. Também é comum a utilização das expressões “filosofia de futebol”, ou ainda “política de futebol” com o mesmo sentido.

¹⁰² Como ficou conhecido o jogo entre Náutico e Grêmio pela final do Campeonato Brasileiro da Série B, disputado no estádio dos Aflitos, no Recife, e vencido pelo Grêmio.

pontos corridos.”¹⁰³ A grande maioria da crônica esportiva e também da própria torcida gremista, atribui ao técnico Roth o sucesso obtido pelo time até o momento, contrariando, mais uma vez, os que vêem no futebol-arte brasileiro muito mais a importância dos jogadores e onde os técnicos têm pouca ou quase nenhuma relevância. O atual técnico bi-campeão brasileiro, Murici Ramalho, costuma dizer que ele tem apenas 25% de contribuição para o sucesso do time, sendo que os restantes 75% ficam a cargo dos jogadores. Nos “anos dourados” do futebol-arte brasileiro, que ocorreram a partir da conquista da Copa do Mundo de 1958, a ênfase do sucesso nos jogadores em detrimento dos treinadores era bastante difundida, conforme refere Arlei Damo:

“Anos depois, por ocasião do tricampeonato no México, a apologia do futebol-arte chegaria ao ponto mais elevado da sua escalada. E não era apenas em razão do ufanismo propagandista da ditadura militar. João Saldanha, o técnico que classificou o Brasil para a Copa, afirmou – depois de ter sido preterido, é verdade – que os jogadores brasileiros eram tão habilidosos que dispensavam a presença de um comandante. Bastava escolher os melhores e dar-lhes liberdade para o Brasil se tornar imbatível. Enquanto para os demais selecionados o técnico exercia uma função primordial, fosse ele um estrategista ou disciplinador, para os brasileiros sua contribuição era escassa e, na maioria das vezes, prejudicial.”¹⁰⁴

Como último elemento desta estreita vinculação do Sport Club Internacional com o futebol brasileiro, destaco um dos tantos cantos racistas proferidos pelas torcidas organizadas do Grêmio, em alusão ao Inter,

Explode chiqueirão
Prá soltá, a macacada
Eu vô chamá o IBAMA
Prá dá banana prá torcida colorada!
Explode [...]

(Na melodia de *Explode Coração*, samba-enredo da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, 1989. É cantado em grenais no Beira Rio.)¹⁰⁵

e comparando com uma imagem¹⁰⁶ (*figura 8*) em que aparecem alguns torcedores uruguayos após a conquista da Copa de 50, trazendo um cartaz em que referem o Brasil como “macacos”, sendo que a semelhança não é mera coincidência.

Todos estes elementos de comparação e distinção arrolados até agora, têm como objetivo constatar que a construção da identidade do Internacional, ocorreu, principalmente, em contraposição à identidade do Grêmio, sendo que a

¹⁰³ Hiltor Mombach, em sua coluna no jornal Correio do Povo, Porto Alegre, 29/10/2008.

¹⁰⁴ DAMO, Futebol e identidade... , 2002, p. 127.

¹⁰⁵ DAMO, Futebol e identidade... , 2002, p. 83.

¹⁰⁶ Imagem extraída do livro “A Dança dos Deuses – futebol, sociedade, cultura”, de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, páginas centrais.

questão racial foi fator preponderante na difusão de um estilo de jogo no Inter mais próximo ao do futebol brasileiro, e distante do estilo consagrado como “gaúcho” de jogar futebol, este ficando mais a cargo do Grêmio, como vimos no capítulo reservado ao clube. É a partir desta tese, sabidamente controversa, que procuro entender as representações de identidade que afloram quando os “Mandarins Colorados” tentam implantar sua filosofia de futebol baseada no que vinha sendo feito no Grêmio, e as decorrentes discussões que se travaram nos meios esportivos do Estado.

5. Os “Mandarins Colorados” e sua “nova” filosofia de futebol

“Acirrou-se, claro, a controvérsia “Galocha” x “Garoto de Ouro”, ou, genericamente, “futebol força” x “futebol arte”, pois nada representava melhor o futebol que a maioria dos Mandarins rejeitava do que o brilhante mas nada vigoroso Bráulio, que continuava ídolo da maioria da torcida.”

L. F. Veríssimo

Em Abril de 1969 o Sport Clube Internacional inaugurou seu novo estádio, batizado de Estádio José Pinheiro Borba (em homenagem a um dos responsáveis pela construção e que falecera meses antes da conclusão da obra), mais conhecido por “Gigante” da Beira-Rio, e também uma nova era na vida do clube. No mesmo ano, o Departamento de Futebol Profissional vai ser comandado por um grupo de dirigentes que ficaram conhecidos como os “Mandarins Colorados”, alcunhados assim pelo cronista Luiz Fernando Veríssimo em uma de suas colunas do jornal Zero Hora, pois os comparava aos mandarins chineses que tudo sabiam, tudo faziam, mas nada podiam. A alegada falta de poder se justificava pelo regime presidencial do clube, que concentrava todos os poderes na figura do presidente, a quem cabia, em última instância, o poder de aceitar ou negar a implantação de novas idéias e novas concepções de futebol:

“Falando longamente com o Dr. Aldo Dias Rosa¹⁰⁷, no Hotel Clímax, aqui em Erechim, pude perceber algumas coisas importantes. Primeiro lugar: o Dr. Aldo Dias Rosa está tranqüilo quanto àquilo que se poderia chamar a hierarquia ou circuitos de decisão do Internacional. Ao presidente, dentro de um regime presidencialista, cabe, efetivamente, decidir quem fica, quem sai, quem permanece.”¹⁰⁸

Os debates da época, então, centralizaram-se em torno dos “Mandarins Colorados” e as inovações que implantaram no departamento de futebol, as quais geraram polêmicas, resistências e acirrada intriga política.

O Internacional, que passava por uma crise de resultados, num período em que o rival Grêmio havia vencido doze campeonatos gaúchos em treze anos (1956-1968), queria se manter fiel às suas tradições, privilegiando o “bom futebol”:

“Com o Grêmio se impondo em campo, pela força e a organização, o Inter parecia dedicado a preservar o futebol antigo como se protegesse uma

¹⁰⁷ Aldo Dias Rosa foi o diretor do Departamento de Futebol do Internacional entre os anos 1969/1971, e, pelo seu cargo, líder dos “Mandarins”.

¹⁰⁸ OSTERMANN, Ruy Carlos. A Paixão do futebol – o amador às escondidas. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1976, p. 101.

civilização bizantina do assédio dos bárbaros. Era um bom futebol, mas perdedor. Os bárbaros ganhavam sempre." ¹⁰⁹

Assim, o objetivo principal do novo departamento de futebol era interromper o longo período de derrotas por que passava o Inter na época, implantando uma nova filosofia de futebol, baseada, justamente, naquela adotada pelo próprio Grêmio alguns anos antes, ou seja, um futebol baseado na força e na imposição física, a partir das idéias de seu treinador Oswaldo Rolla, o Foguinho, conforme afirma Cláudio Quintana Cabral:

“Foguinho sempre foi um treinador eminentemente prático, pragmático, que fazia do seu time um perseguidor de resultados. Não interessava jogar bem; interessava ganhar. E sua equipe amassava os adversários. Devido a sua grande superioridade e condicionamento, jogava um futebol até apreciável, embora esta não fosse a tônica, mas sim a força e velocidade. [...] quando os mandarins assumiram o poder no Inter e colocaram em prática algumas teorias sobre organização do futebol, fundamentalmente baseando o estilo da equipe no futebol que era jogado pelo Grêmio. Procuraram anular veneno de cobra com veneno de cobra. [...] A partir de 69, quando o Inter saiu dos Eucaliptos e foi para o Beira-Rio, as coisas foram alteradas justamente porque o Internacional aprendeu a lição do Grêmio ministrada pelo mestre Oswaldo Rolla.” ¹¹⁰

Cabe lembrar que Cláudio Cabral foi um dos dirigentes pertencentes ao grupo dos “Mandarins Colorados”, assim como o hoje deputado Ibsen Pinheiro, o qual, referindo-se às mudanças pelas quais o Internacional deveria passar, elaborou o seguinte conceito sobre jogadores de futebol, várias vezes explicitado por ele: “o melhor jogador de futebol é o atleta alto, forte e bom de bola; o segundo melhor jogador é o atleta alto, forte e ruim.”. Tal conceito, em síntese, retrata a nova filosofia a ser implementada no clube, gerando resistências dos futebolistas rio-grandenses, principalmente daqueles mais identificados com o clube. O jornalista Sérgio Jockymann, por exemplo, destaca justamente a questão da nacionalidade x regionalidade nas mudanças propostas pelos “Mandarins”:

“Mas, enfim, não se pode exigir muito do Internacional, porque ele é o que uma minoria quer: uma equipe provinciana, feita exclusivamente para ganhar campeonatos provincianos. Há gente que já acha isso demais e que considera uma injustiça que se deseje do Internacional a classificação no Robertão¹¹¹. No entanto, como o Dr. Rosa mesmo reconheceu, a maioria da

¹⁰⁹ VERÍSSIMO, Autobiografia..., p. 64.

¹¹⁰ CABRAL, Cláudio Quintana. “Seu Oswaldo Rolla”. In: Do futebol e da vida..., 2001, pp. 105/106.

¹¹¹ “Robertão” foi como ficou conhecido o torneio Roberto Gomes Pedrosa, que foi uma competição interestadual de futebol no Brasil disputada de 1967 a 1970, antes da criação do Campeonato Brasileiro. Em 1967, este campeonato foi organizado pelas federações carioca e paulista de futebol, e a partir de 1968 pela C.B.D. (Confederação Brasileira de Desportos), precursora da atual C.B.F. (Confederação Brasileira de Futebol).

torcida do colorado acha o campeonato muito pouco e deseja glórias nacionais para sua equipe. Porque, afinal, o clube que possui a maior organização empresarial do Brasil deve ter pelo menos a terceira equipe do país.”¹¹²

A questão individualidade x grupo levantada na época dos “Mandarins”, também tinha conotações políticas, em um tempo em que a repressão da ditadura militar estava em seu período mais forte e o futebol surgia, assim, como uma “válvula de escape”, conforme escreve Luis Fernando Veríssimo:

“O futebol era um refúgio da política - mas nem tanto. A própria questão 'Galocha x Garoto de Ouro' no Inter ganhara conotações ideológicas, com a sugestão de que os Mandarins, esquerdistas, queriam valorizar o coletivo sobre o individual e por isso combatiam os que brilhavam muito.”¹¹³

É possível confirmar isto nas seguintes declarações de jornalistas da época:

“Não se sai disso construindo estádios, mas construindo equipes. Equipes e não um bando de soldadinhos disciplinados [...] Isso naturalmente não impede que alguns táticos de várzea tentem substituir o talento pessoal pela obediência coletiva. Nenhum desses coitadinhos conseguiu passar de pinto a galo [...] Como os clubes não são democráticos, é preciso que o talento desça de cima para baixo [...] Será preciso ter cuca, miolo, cabeça. E isso, como se sabe, não dá em poste e nem se consegue retirando faixas ou pressionando cronistas.”¹¹⁴

“No mais, cronistas, humoristas, torcedores, tremei: nada mais pode ser dito do Internacional (só a favor), que os ‘mandarins’ se eriçam e ameaçam céus e terra. Não ousem ser contra a democracia do dr. Goebbels instalada no Beira-Rio. Quem avisa amigo é.”¹¹⁵

A primeira é do cronista Sérgio Jockymann em sua coluna na Folha da Tarde, onde encontramos elementos como “soldadinhos disciplinados”, “obediência coletiva”, “clubes não são democráticos”, que nos remetem claramente a questões políticas, sendo que é possível estabelecer uma relação entre o discurso feito por Jockymann em 1970 e o que escreve Veríssimo a respeito, em 2004. A outra referência é do jornalista e humorista Carlos Nobre, do mesmo jornal, em que, com ironia e sarcasmo, critica a suposta falta de democracia dos dirigentes colorados. Aliás, esta ausência de democracia era o principal objeto de crítica, justamente em um período no qual a ditadura militar impedia que as opiniões se expressassem livremente. É provável que os jornalistas citados, ao perceberem no meio futebolístico um caminho livre para a

¹¹² Folha da Tarde, Porto Alegre, 21/12/1970.

¹¹³ VERÍSSIMO, “Internacional – Autobiografia...”, p. 91.

¹¹⁴ Folha da Tarde, Porto Alegre, 14/12/1970. Coluna do cronista Sérgio Jockymann.

¹¹⁵ Folha da Tarde, Porto Alegre, 12/12/1970.

manifestação, aproveitassem para, criticando a postura dos dirigentes colorados, criticar, por extensão, a ditadura militar no país, que impedia quaisquer manifestações políticas de desgosto com o regime.

Por fim, a nova política de futebol implantada pelos “Mandarins” acabou por atingir todo o time que vinha jogando, com a substituição gradual dos atletas por outros com as características desejadas. Nesse panorama, um jogador, em particular, vai centralizar as discussões: trata-se de Bráulio Barbosa de Lima ou, simplesmente, Bráulio, também conhecido no meio esportivo como “o Garoto de Ouro”.

5.1. O “moço” Bráulio

“Admirável é o moço Bráulio, dos pés encantados e um futebol de graça e beleza capaz de tanger a alma poética da imprensa esportiva, sempre presa ao factual, ao ordinário e ao passageiro, muitas vezes ao comezinho. Há jogadores que pela sua grandeza estabelecem novos critérios, abrem novas perspectivas semânticas, e melhoram o nível dos textos esportivos. Bráulio, no testemunho diário que podemos fazer, é um destes. Sobre ele pesa a mais grave e odienda das injustiças; mas o Internacional vence. E esta dialética vem separando pessoas, criando inimizades insuperáveis, já não se fala mais do futebol – está se escandindo, a cada dia, uma pastoral ao homem e ao universo. Admirável moço Bráulio.”

Ruy Carlos Ostermann¹¹⁶

Bráulio contava com a simpatia da torcida justamente porque representava o futebol-arte com o qual o Internacional se identificava. Jogador de rara habilidade técnica e reconhecido tanto pela torcida quanto pelos cronistas esportivos da época. Nilo Vaz, colunista do jornal Folha da Manhã, faz as seguintes considerações a respeito do “moço” após a vitória do Inter sobre o Novo Hamburgo, em 1970, e que encaminhou o título gaúcho daquele ano em favor do Colorado:

“E em trinta e três minutos, Bráulio era novamente Bráulio. Qualquer torcedor colorado quer isso: um pouquinho da arte de Bráulio no espetáculo. Isso é inegável, Bráulio não é só a alegria da torcida. É muito mais. É o toque certo, a movimentação de bola elegante, a criação e a beleza do jogo. Esse garoto, para fazer tudo isso, não precisa mais de trinta minutos. Vocês podem notar,

¹¹⁶ OSTERMANN, A paixão do futebol..., p. 50.

é tudo questão de minutos.”.¹¹⁷

No mesmo jornal do dia 05 de outubro de 1970, na sua coluna “Bola em jogo”, sob o título “Um Caso de Polícia”, é a vez de Ataíde Ferreira reverenciar as qualidades técnicas de Bráulio:

“Não posso acreditar o que me disseram ontem, logo após os 4x1 do Inter no Atlético Paranaense: ‘O Sérgio havia entrado em campo para substituir Bráulio, que já estava cansado’. Piada ou gozação? Não sei. Talvez castigo para o que esse garoto estava fazendo. Quis ALGUÉM, porém, que não se cometesse uma injustiça com Bráulio. A vítima foi Claudiomiro. Não fora a lesão do comandante, o ‘garoto’ teria ido mais cedo para o vestiário. E Daltro, por certo, receberia aquela vaia. [...] Ninguém tem o direito de cuspir sobre a arte. Todos têm, quando muito, o direito de dizer que não entende, mas jamais confessar que a arte não é arte. Se Bráulio estivesse cansado, eu, treinador, lhe mandaria um recado. Mais ou menos assim: ‘Guri, fica aí, joga onde quiseres. Se não quiseres, não joga. Já fizeste, em menos de uma partida, mais do que outros, num ano todo. Fica aí e não diz nada. O que tu estás jogando já é um caso de polícia.’”.¹¹⁸

Pois quando chegou a vez de Bráulio ser retirado do time e relegado ao banco de reservas, os debates se acirraram e os questionamentos à nova filosofia de futebol chegaram de todos os lados. O técnico do Inter, a quem os “Mandarins” delegaram a tarefa de proceder às alterações no time e, conseqüentemente, barrar a entrada de Bráulio, era Daltro Menezes. E, em entrevista concedida no dia em que foi demitido pelo clube (05 de abril de 1971) ao jornalista Ruy Carlos Ostermann, o referido técnico apresentava as seguintes justificativas:

“Em 68, Bráulio foi um cracão de bola, um monstro. Agora, não. Qualquer treinador sabe disso. É um jogador traumatizado. Certos setores da imprensa endeusaram Bráulio, ele era para entrar no time e os gols iam surgir por todos os lados. Não, este Bráulio traumatizado não pode jogar. [...] O Bráulio é o último elo que liga o Internacional aos Eucaliptos [antigo estádio do clube]. No tempo em que não existia Daltro Menezes e não existia o bicampeonato [referindo-se aos títulos gaúchos de 1969 e 1970, vencidos pelo Inter, sob o comando de Daltro], Bráulio era quem dava um balãozinho no Airton, isso era muito importante. Era um time medíocre mas tinha o balãozinho em Airton. A torcida não ganhava o campeonato, isso já se sabia no começo do ano, mas a sua satisfação, a sua alegria, era aquele balãozinho.”.¹¹⁹

Percebe-se que o problema para a não escalação de Bráulio era mais do que uma simples deficiência técnica ou tática: Bráulio era um jogador “traumatizado”. Possivelmente o trauma a que o treinador se referia era o fato de que o jogador se tornara uma anacronia no futebol do clube, que havia optado por

¹¹⁷ Folha da Manhã, Porto Alegre, 28/09/1970.

¹¹⁸ Folha da Manhã, Porto Alegre, 05/10/1970.

¹¹⁹ OSTERMANN, A paixão do futebol, pp. 82/83

uma “nova era”, uma nova “filosofia de futebol”. A era do “time medíocre”, a era do “balãozinho”, ou seja, a era do “futebol-arte”, havia passado no Internacional. O problema era que nem todos estavam convencidos de que estas mudanças eram necessárias, ou, mesmo, desejáveis. As críticas se tornavam cada vez maiores; e nesse sentido, destaca-se a coluna assinada por Jessé Madureira Coelho, na qual restou claro que a não escalação de Bráulio obedecia a critérios que visavam a adoção de uma concepção de futebol que não primava pela qualidade técnica ou, pelo contrário, a desprezava:

“[...] Esse exemplo, ainda bem recente, me faz lembrar do menino Bráulio, que os caprichos e a teimosia de um treinador, acabaram por relegá-lo a um plano obscuro, dentro do futebol gaúcho.

Que heresia dizer que Bráulio não está sendo aproveitado, por não saber assimilar o esquema de jogo pretendido pelo treinador!

Quem no futebol do Rio Grande, atualmente, carrega nos pés um futebol clássico e festivo como o de Bráulio? Quem?

Quem como ele, possui ao longo de uma partida, a exata noção de oportunismo, para entregar um passe medido, um meio gol quase?

Eu tenho visto o crime que se perpetra contra o garoto, que hoje nem figura na Regra 3. O mesmo tem visto o público torcedor que no seu entusiasmo dentro dos estádios, entende de futebol como gente grande.

Ah, se a gente pudesse compor um ataque só de Bráulios, de meninos como ele, que nasceram com o futebol no sangue e que revelam em cada toque de bola um lampejo de genialidade. Preterir na equipe um craque como Bráulio, é o mesmo que continuar teimando, ainda que ante a evidência de um triunfo histórico, que Pelé e Tostão jamais poderiam atuar juntos.

Também no futebol eu fico com os gênios. Tenho pena dos que apanham da bola. Defendo os bons e me rebelo contra esse mar de mediocridade, que se tornou lugar comum em nosso futebol. Lamentavelmente, ao que parece, a hora atual é a da inversão de valores.”¹²⁰

Quando o cronista menciona se rebelar “contra esse mar de mediocridade que se tornou lugar comum em nosso futebol”, parece estar implícita a idéia da negação do estilo de jogar futebol que foi definido como “gaúcho”, mais identificado com o “futebol-força” do que com o “futebol-arte” de Bráulio. Esta era a questão central e a origem de toda polêmica. Afinal, o que estava em jogo era a identidade do clube, construída a longa data e alicerçada em uma concepção de futebol que, então, se pretendia alterar completamente.

¹²⁰ Zero Hora, Porto Alegre, 29/01/1971.

5.2. O fim da “Era dos Mandarins Colorados”

“[...] Mas manter Daltro é manter também o Bode Expiatório e a saída para o futuro. Só que, senhores, estamos lidando com homens. Daltro também faz o seu joguinho e os Mandarins também querem o poder. E nessa briga de piranhas, vai sobrar pouca gente. Alguns Mandarins já foram comidos. O bom é nadar em outras águas e ficar com um olho bem grande e bem aceso no Internacional, para que numa briga dessas ele não seja comido por engano.”¹²¹ Sérgio Jockymann

A confirmação de que Bráulio continuava a ser um bom jogador técnica e taticamente, era o manifesto interesse que outros grandes clubes do Brasil tinham pelo jogador, tanto que estava praticamente acertada a sua transferência para o Flamengo do Rio de Janeiro, em uma troca com o jogador Doval, um atacante argentino que jogava no time carioca desde 1969. Foi quando o presidente do Internacional entrou em cena para defender “o patrimônio” do clube:

“O presidente Stechman, entendendo que Bráulio é um patrimônio da entidade, categoricamente afirmou que o mesmo não será negociado e pleiteou que fossem dadas ao jogador oportunidades iguais às concedidas aos demais. O conflito ganhou publicidade. Não pôde mais ser escondido, como acontecia. A opinião do 1º mandatário é frontalmente contrária ao setor de futebol.”¹²²

Esta atitude de Stechman deixou o Departamento de Futebol em uma situação delicada: se Bráulio passasse a ser escalado, ficaria clara a intervenção do presidente nas questões do futebol, da competência hierárquica dos “Mandarins”, e se não escalasse, estaria descumprindo uma determinação de quem, em última instância, é quem manda no clube. Desta maneira, segundo já havia detectado o cronista esportivo Ruy Carlos Ostermann na época, só havia uma solução: a demissão do Departamento de Futebol:

“O caminho a ser seguido pelo presidente Stechman deverá ser, até mesmo por uma questão de lógica dos acontecimentos, o da imposição do nome de Bráulio entre os jogadores cogitados para a escalação da equipe. O não atendimento desta imposição, por outro lado, me parece também a lógica dos acontecimentos no Departamento de Futebol. Se era contrário, como passará subitamente a ser favorável. [...] Duas coisas devem acontecer: o vice-presidente Aldo Dias Rosa acata a decisão do presidente e seus assessores

¹²¹ Folha da Tarde, Porto Alegre, 05/12/1970.

¹²² Folha da Manhã, Porto Alegre, 02/02/1971, coluna “De Alto a Baixa”, de Antonio Carlos Porto.

mais diretos se demitem, ou então o vice-presidente Aldo Dias Rosa não acata a decisão do presidente e todos do Departamento de Futebol se demitem. Não há escolha. Nem há outro vitorioso.”¹²³

Assim, o dia 03 de fevereiro de 1971 marcou a saída do clube dos “Mandarins Colorados”, fato que foi amplamente repercutido pela imprensa esportiva. O cronista esportivo Antonio Carlos Porto, em sua coluna “De alto a baixo”, escreveu:

“Tinha inteira razão quando, há dias, afirmava por esta coluna que o caso Bráulio era a maior crise no Internacional desde a era Gigante. [...] Tudo foi confirmado e oficializado a partir das primeiras horas da tarde de ontem. O dr. Aldo deixou o Departamento de Futebol. Com ele foram Ibsen Pinheiro, Cláudio Cabral, Paulo Portanova e Luís Otávio Pelegrini, todos assessores do titular que deixa o cargo. O supervisor Ivo Corrêa Pires, que abandonou a profissão de jornalista para se dedicar inteiramente ao clube, demitiu-se do cargo remunerado de supervisor, onde, diga-se de passagem, não ganhava a fortuna que apregoavam. [...] Além destas defecções existem muitas outras. Creio que, pelo mínimo, meia centena de homens ligados à entidade, deixaram o Gigante. [...] Por que tudo isto? Uma palavra apenas: Bráulio. Este jogador, que sempre teve contra si todo o peso do treinador Daltro Menezes e do Depto. Técnico que saiu, marcou na história do futebol gaúcho um capítulo inusitado e impressionante. Seu nome abalou toda a estrutura de um clube, hoje, exemplo do Brasil. A controvérsia em torno de seu aproveitamento ou dispensa teve força política, dantes nunca revelada por nenhum profissional do futebol rio-grandense. [...] Tudo isto e o que está por vir resume-se num só nome: Bráulio, o decantado ‘garoto de ouro’ de ontem e o maior pomo de discórdia da aparente e unida direção colorada de hoje.”¹²⁴

O que se extrai desta manifestação, é um certo pesar pela saída de tão eminentes dirigentes do clube, ao mesmo tempo em que imputa toda a responsabilidade pela demissão em massa dos “Mandarins”, unicamente ao jogador Bráulio. Ele era o representante maior do estilo de futebol com o qual o clube se identificava, o “futebol-arte”, e por isso “sempre teve contra si todo peso do treinador Daltro Menezes e do Depto. Técnico”, os quais assumiram com o objetivo de alterar esta identidade, implantando o “futebol-força”, mais ao gosto dos “gaúchos”. Isto é possível de constatar no seguinte trecho da coluna “Olheiro”, do cronista esportivo Lauro Quadros, logo após a demissão do técnico Daltro Menezes, quando se cogitava o nome do ex-jogador carioca Didi, Bi-Campeão Mundial pela seleção brasileira em 1958 e 1962, para ocupar a vaga deixada por Daltro:

¹²³ OSTERMANN, A paixão do futebol... , p. 100. (Trecho de coluna escrita pelo autor e publicada no jornal Folha da Manhã de 30/01/1971).

¹²⁴ Folha da Manhã, Porto Alegre, 04/02/1971.

“Anunciaram a contratação de Didi pelo Internacional. Claro, seria [a] lógica: Didi afina pelo futebol mais acadêmico, ao gosto dos atuais dirigentes e da torcida. Mas se, mesmo assim, com ele, Bráulio não fosse titular, estejam certos: eles não se convenceriam, Didi passaria a ser burro, também.”¹²⁵

Este cronista também achava que o Internacional havia cometido um grave erro ao “forçar” a demissão dos “Mandarins”, responsáveis, segundo o jornalista, pelas recentes conquistas do clube; mas, diferentemente de Porto, isentava de culpa o jogador Bráulio pelo ocorrido:

“Olha, gente: não é em qualquer farmácia, que se consegue um departamento de futebol bicampeão. E os caras jogaram o deles, inteirinho, fora. Estou convencido de que o Internacional não vive contente sem problemas. Enquanto perdia, era um rebuliço; passou a ganhar, a crise quebrou todos os records. [...] Pois, como poderiam alguns homens agüentar na carne, que alguns outros (e não eles) estivessem no palco, na hora melhor? E aqueles envenenaram a torcida, que lhes serviu como arma. Soube-se, até, de um colorado, que, depois de uma hora inteira na fila do Barril, irritado exclamou: ‘Ah e eles não botam o Bráulio no time’. Pobre do Bráulio! A todas essas, ele serviu, apenas, como agente. E para que a cobiça, a inveja e a vaidade de tantos fossem satisfeitas.”¹²⁶

Mas nos meses seguintes, o comportamento do cronista vai se alterar. Percebendo que a melhor maneira de atacar os dirigentes que permaneceram no comando do futebol era atacar Bráulio, as críticas ao jogador vão começar a aparecer em suas colunas:

“Todos estão fazendo gol, menos **ele**. Continuo curioso: o que ocorrerá, no dia em que **ele** fizer? Domingo apareceram as primeiras sugestões: um monumento, uma placa, uma capelinha...” [Grifo meu]

“Vale a pena repetir essa do Sergio Moacir, quando o Agomar marcou uma falta de Pio sobre Bráulio: ‘Ninguém pode tocar nessa jóia, jóquei de ovelha?!’¹²⁷

No primeiro excerto, Lauro Quadros evita mencionar o nome de Bráulio, utilizando o pronome “ele” e se refere em tom irônico a um momento em que o jogador não vinha fazendo gols pela equipe. Já no segundo, ele se utiliza da manifestação de uma terceira pessoa para efetuar a sua crítica a Bráulio, que traz as expressões “jóia” e “jóquei de ovelha” como uma forma velada de imputar ao jogador características físicas não condizentes à masculinidade e à virilidade próprias do mundo futebolístico, procurando, com isso, prejudicar a sua imagem perante a torcida.

¹²⁵ Folha da Manhã, Porto Alegre, 05/04/1971.

¹²⁶ Folha da Manhã, Porto Alegre, 04/02/1971.

¹²⁷ Folha da Manhã, Porto Alegre, 05/04/1971.

A decisão final do presidente Stechman de se indispor com a diretoria de futebol em favor do jogador Bráulio pode ser interpretada de duas maneiras. A primeira, é que o dirigente reconhecia que o jogador era imprescindível ao clube, tanto pelo seu talento, quanto pelo enorme carinho que a torcida nutria por ele, exigindo a sua presença no time e cobrando de seu presidente uma atitude em relação ao caso:

“[...] o presidente se opôs à troca, revelando a inconveniência da transação não por presumível desconfiança quanto à Doval, mas por claro elogio do valor e da utilidade de Bráulio. O que significa tudo isso? No meu modo de ver, o presidente decidiu contornar um problema de natureza política (a saída de Bráulio e suas conseqüências inevitáveis junto à torcida e, pode ser, às classes empresariais) preferindo enfrentar o problema interno que é a pública posição do Departamento de Futebol com relação ao aproveitamento de Bráulio na equipe ou no esquema de trabalho.”¹²⁸

A segunda interpretação envolve a política do clube. Quando a nova direção assumiu o comando do clube em 1969, após a inauguração do novo estádio, houve um acordo político entre os componentes, no qual a sucessão presidencial se daria em rodízio entre eles. O inusitado neste “pacto” é que ele foi firmado durante uma refeição no restaurante Saci, que ficava nas dependências do Estádio Beira-Rio, e foi escrito em um guardanapo, conforme podemos verificar na seguinte matéria do jornal Folha da Tarde, sob o título “Guardanapo. Título de uma nova novela”:

“Eraldo Herman, vice-presidente do Internacional, mandou tirar cópias do famoso guardanapo assinado pelos dirigentes do Internacional numa mesa da churrascaria Saci há três anos e as distribuiu. Este guardanapo, de acordo com os assessores de Aldo Dias Rosa, teria um pacto sobre o revezamento dos futuros presidentes do Internacional.”¹²⁹

Assim, Aldo Dias Rosa, pelo acordo, seria o candidato de consenso à sucessão presidencial nas eleições que aconteceriam no final de 1971. Com a polêmica implantada, Stechman teria visto uma oportunidade de, se indispondo com o departamento de futebol e seus dirigentes liderados por Aldo Dias Rosa, romper o acordo e concorrer à reeleição, o que acabou ocorrendo. Não bastou Eraldo Herman dizer que – *“Eu estou mostrando o guardanapo para todos, com a finalidade de corrigir algumas inverdades sobre ele. Como todos podem ver, não houve pacto algum neste guardanapo.”*¹³⁰ – para esclarecer a situação e acabar

¹²⁸ OSTERMANN, A paixão do futebol..., p. 99.

¹²⁹ Folha da Tarde, Porto Alegre, 24/11/1971, p. 31.

¹³⁰ Folha da Tarde, Porto Alegre, 24/11/1971, p. 31.

com a polêmica. Os defensores dos “Mandarins” acreditavam na versão de Aldo Dias Rosa, como podemos verificar no tom da coluna de Cid Pinheiro Cabral¹³¹:

“Para quem não esteve na reunião dos quatro, em 1968, Stechmann, Eraldo, Aldo e Tedesco, o guardanapo diz pouco mesmo: é um simples amontoado de nomes, alguns até pela metade. Um papelucho assinado pelos quatro, que Aldo Dias Rosa guardou. Ele mesmo foi quem fez todas as anotações. Quem se fixar bem no dito, verá que, isoladamente, bem sob o que está escrito a máquina com data de três anos depois, 1971, existem três nomes isolados, nesta ordem: Stechmann, Aldo e Eraldo. Esta seria a anotação simples que se fez sobre a perspectiva de rodízio. Como documento, realmente, o guardanapo só pode ter valor para os quatro que se reuniram em 1968. E aí temos, até agora, a palavra de Eraldo Hermann contra a de Aldo e Tedesco. É uma simples questão de escolha, portanto...”¹³²

Desta forma, as eleições para presidente do clube não teria um único candidato de consenso, como estava previsto, e sim dois: pela situação, o então presidente Carlos Stechman concorreria à reeleição e, pela oposição, Aldo Dias Rosa, capitaneando os “Mandarins”, lançaria a sua candidatura. Era “uma simples questão de escolha” tomar partido de um ou outro lado. A polêmica seguia forte às vésperas das eleições e o Internacional estava novamente dividido, como esteve dividido no período anterior, em que o Grêmio mantinha a hegemonia do futebol gaúcho:

“As velhas intrigas, sufocadas não pelo Beira-Rio, mas por uma nova mentalidade, que deu ao Inter um tricampeonato [1969-1971], retornam agora alegremente, como nos tempos dos Eucaliptos, quando concediam títulos e mais títulos aos adversários. Brigas internas, insegurança e intranquilidade, isso poderá ocorrer novamente. Aldo Dias Rosa, gente fina e de bom trato, seria complacente demais e até incoerente se não tomasse a posição de combate. Sua candidatura é uma questão de honra, ligada diretamente àquela tarde de fevereiro, quando Stechmann e Tedesco, usando Bráulio, pressionaram a queda do departamento de futebol.”¹³³

Neste discurso aparece novamente a figura de Bráulio como o pivô da crise e fica evidente que os defensores dos “Mandarins” os viam como precursores de “uma nova mentalidade”, responsável pela ascensão pela qual o clube estava passando. “*A revolução colorada começou com os mandarins e a construção do Beira-Rio [...]*”¹³⁴, relembra Cláudio Cabral em seu livro de memórias, com a satisfação de ter sido um dos integrantes daquele grupo

¹³¹ Cid Pinheiro Cabral era colunista do jornal Folha da Tarde e pai de Cláudio Quintana Cabral, um dos “Mandarins Colorados”.

¹³² Folha da Tarde, Porto Alegre, 24/11/1971. Coluna “Fora das quatro linhas”, de Cid Pinheiro Cabral.

¹³³ Folha da Tarde, Porto Alegre, 24/11/1971. Coluna assinada por Roberto Appel.

¹³⁴ CABRAL, Do futebol e da vida..., p. 107.

dirigente e encarando as mudanças como uma verdadeira revolução no clube. Pois esta “revolução” representava, justamente, a implantação da “nova mentalidade”, em contraposição às velhas bases sobre as quais o futebol do clube havia se alicerçado durante décadas. A satisfação de Cabral é manifestada porque, para muitos, o Internacional somente voltou a vencer pela atuação dos “Mandarins” que assumiram o futebol do clube a partir de 1969, esquecendo-se, todavia, que o time havia sido, nos dois primeiros anos do “Robertão” – 1967/1968 (*figura 9*) -, Bi-vice-campeão. Se considerarmos que os campeões em 1967 (o Palmeiras) e 1968 (o Santos)¹³⁵ foram clubes diferentes e a soma de pontos de dois vice-campeonatos é maior do que a de um campeão, chegamos a conclusão de que o Internacional era o melhor time brasileiro da época, antes dos “Mandarins” assumirem o Departamento de Futebol do clube.

Por fim, o desfecho das eleições teve um rumo muito curioso. A poucos dias do pleito, as projeções anunciavam a vitória de Aldo Dias Rosa. No domingo anterior às eleições o time enfrentaria o Santos, no Pacaembu, em São Paulo, pelo campeonato brasileiro de 1971. O jogo foi vencido pelo Inter por 1x0, gol de Bráulio, que acabou virando o resultado das eleições, com Stechman sendo reeleito por dois votos de diferença: 154 a 152. Bráulio, que havia sido apontado como o responsável pela saída dos “Mandarins” do clube, se tornara também o responsável pela permanência de Sérgio Stechman na presidência do Internacional, selando definitivamente a “Era dos Mandarins Colorados”.

¹³⁵ O Palmeiras, que em 1967 já havia vencido a Taça Brasil, foi no mesmo ano o campeão da primeira edição do “Robertão”. Conquistou o título vencendo o Grêmio por 2 a 1 na última rodada do quadrangular, enquanto o Internacional vencia o Corinthians por 3 a 0 e sagrava-se vice-campeão. Em 1968 o Santos de Pelé conquistou o título do Robertão, ao vencer o Vasco por 2 a 1 no Maracanã na última rodada do quadrangular. Novamente o Internacional foi o vice, depois de derrotar o Palmeiras por 3 a 0. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Torneio_Roberto_Gomes_Pedrosa> Acesso em 15/11/2008.

Conclusão

No presente trabalho procurei verificar como o processo de ascensão e declínio do Departamento de Futebol do Sport Clube Internacional, ocorrido no período de 1969 a 1971, quando os denominados “Mandarins Colorados” comandaram o clube e procuraram implantar as suas concepções de futebol, se chocou com a identidade do clube, construída durante toda a sua história. As idéias dos “Mandarins” estavam baseadas no perfil que vinha sendo adotado pelo rival – o Grêmio, cuja identidade era diversa da do Internacional, gerando uma crise que repercutiu no meio futebolístico do Estado.

Para compreender como se deram as construções identitárias dos referidos clubes, busquei analisar como os esportes modernos e o futebol mais especificamente, contribuíram na formação das identidades nacionais e regionais e, para tanto, utilizei os capítulos um e dois e seus sub-capítulos, onde fiz um breve relato da emergência do futebol, sua utilização na consolidação das nacionalidades e seus usos políticos. Aprofundei a questão do futebol enquanto elemento decisivo na consolidação do “ser brasileiro”, principalmente no tocante à incorporação do negro na sociedade, onde procurei demonstrar a emergência de um estilo brasileiro de jogar futebol, o chamado “futebol-arte”. Finalizei os referidos capítulos analisando as especificidades do futebol no Rio Grande do Sul e como aqui se fundou um estilo próprio de praticar o futebol, mais baseado na força, na virilidade e na disposição, similar ao praticado na Europa e também nos vizinhos países do Prata, o chamado “futebol-força”.

Nos capítulos seguintes, pretendi mostrar que o processo de construção da identidade do Grêmio e do Internacional apresentou pontos bastante distintos: as características dos fundadores, os critérios de seleção dos associados, a transição do amadorismo para o profissionalismo, o modo de formação dos times e o processo de escolha dos jogadores, aspectos que atribuem a cada um dos clubes uma identidade própria.

Nessa senda, tem-se o Internacional, apresentando um futebol vinculado ao estilo brasileiro de jogar, primando pelo futebol-arte, ainda que nem sempre se mostrasse o mais eficiente para a conquista de títulos, e o Grêmio, do futebol-força, identificado com o jeito “gaúcho” de jogar futebol, geralmente mais eficaz.

Atualmente, tal diferenciação é quase imperceptível no cenário do futebol nacional. Com efeito, a alta profissionalização do futebol, o incremento na preparação física dos atletas e a “exportação” cada vez mais precoce dos nossos melhores jogadores, tem nivelado os times brasileiros, de sorte que já não há distinção acentuada no estilo de jogo tanto no Estado quanto no resto do país.

Mesmo assim, o Campeonato Brasileiro de 2008 tem mostrado, mais uma vez, as diferenças entre os dois clubes em comento. O Grêmio, a partir de um time formado por jogadores considerados pela crônica esportiva como medianos, liderou o certame por dezoito rodadas e, até o fechamento deste trabalho, está em segundo lugar e com chances de se tornar campeão. O Internacional, a seu turno, com uma equipe formada por vários jogadores de excelente qualidade (por exemplo, Alex e Nilmar, convocados recentemente para a seleção brasileira, e D’Alessandro, para a seleção argentina), não faz uma boa apresentação no campeonato.

Futebol-arte X futebol-força, jogadores de qualidade técnica apurada, “o craque”, ou o time, “o grupo”, sobrepondo-se às individualidades. Este foi o debate que se estabeleceu na época dos “Mandarins” e ainda hoje a discussão se faz presente no meio esportivo tanto no âmbito estadual quanto nacional. Para ilustrar, refere-se a polêmica em torno do jogador Robinho, da Seleção Brasileira, comandada pelo técnico Dunga; parte dos cronistas criticam as “pedaladas” que o atleta utiliza para driblar os adversários, alegando que são pouco objetivas e improdutivas, questionando também a pouca imposição física do atleta e sua falta de vocação para marcar o adversário. Uma outra parcela se eleva para defender o jogador, pois seus “dribles”, sua “ginga” e sua “malícia” o identificam como legítimo representante do mais puro e genuíno futebol brasileiro.

Como se pode perceber, este debate aconteceu no passado, vem acontecendo hoje e voltará à cena sempre que as representações de identidade forem impingidas por um ou outro estilo futebolístico, mostrando a capacidade que tem o futebol de acionar tais “crises de identidade”.



Figura 1 – Os “Mandarins Colorados”. Da esquerda para a direita: Cláudio Quintana Cabral, Ibsen Pinheiro, Ivo Correia Pires, Aldo Dias Rosa, o técnico Daltro Menezes e o Presidente Sérgio Stechman.

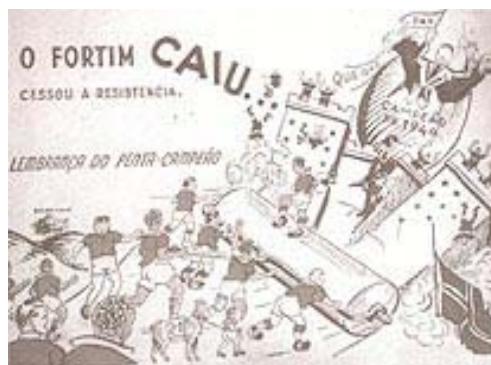


Figura 2 – Charge mostrando o Internacional passando sobre seu maior adversário, o Grêmio, como um rolo compressor, por isso o apelido do time da década de 40.



Figura 3 – Luisinho, Bodinho, Larry, Ênio Andrade e Chinesinho, jogadores “gaúchos” Campeões Pan-americanos de 1956, no México



Figura 4 - Seleção Brasileira medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles em 1984, formada por

jogadores do Internacional. Em pé, da esquerda para a direita: Júlio Espinosa, Luiz Carlos Winck, Gilmar Rinaldi, Ademir Kaefer, Mauro Galvão, Aloísio e André Luiz. Agachados: Paulo Santos, Dunga, Kita, Milton Cruz e Silvinho



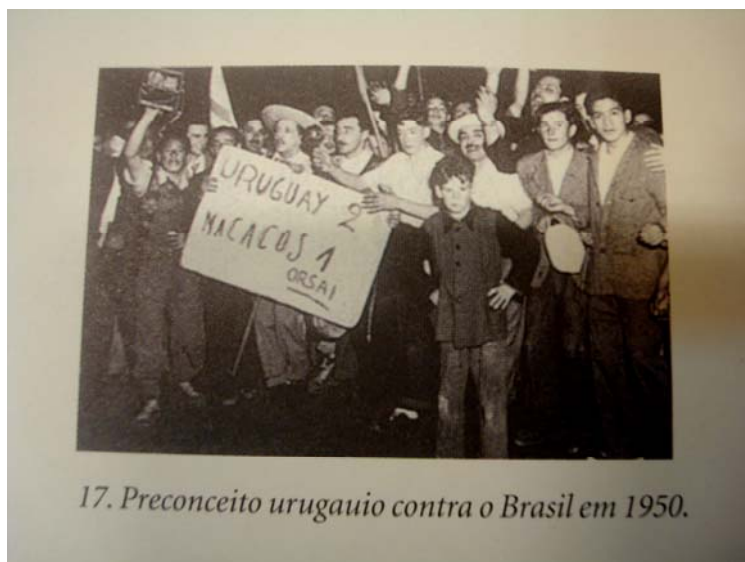
Figura 5 – Tesourinha.



Figura 6- Tesourinha, Zizinho, Heleno de Freitas, Jair da Rosa Pinto e Ademir, em 1945. Este é considerado, por muitos, o maior ataque já formado por uma Seleção Brasileira em todos os tempos.



Figura 7 - O “Rolo Compressor Colorado”: Da esquerda para a direita, em pé: Nena, Ávila, Borges, Ivo Wink, Abigail e Alfeu. Agachados: Eliseu, Tesourinha, AdãoZinho, Vilalba e Carlitos.



- Figura 8 -



Figura 9 – Time do Internacional de 1968 Vice-campeão da Taça Roberto Gomes Pedrosa, o “Robertão”, que precedeu o Campeonato Brasileiro de clubes. Schneider, Sadi, Pontes, Scala, Elton e Laurício em pé e agachados Carlitos, **Bráulio**, Claudiomiro, Tovar e Dorinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2002.
- ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. “Com brasileiro, não há quem possa!” – Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BESTETTI, Ricardo Luis. O Internacional nas competições sul-americanas. Porto Alegre: Ed. Evangraf-Ideograf, 2006.
- BESTETTI, Ricardo Luis & DIAS, Thiago. O Colorado Internacional. Porto Alegre: Ed. Evangraf-Ideograf, 2007.
- BRENNER, Charles. Noções básicas de psicanálise – Introdução à Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Ed. Da USP, 1987.
- BILHÃO, Isabel Aparecida. Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896 a 1920). Porto Alegre: Tese de doutorado UFRGS, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região”. In: *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989,
- CABRAL, Cláudio Quintana & GARCIA, João. Do futebol e da vida – ou de louco todos nós temos um pouco. Porto Alegre: AGE Editora, 2001.
- DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão – Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre: Tese de doutorado UFRGS, 2005.
- _____. Futebol e identidade social – Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- _____. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. In: *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, Ano XVI, nº. 34, 2002/1.
- FILHO, Mario Rodrigues. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Organização). O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930 (O Brasil republicano; v.1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GASTALDO, Édison & GUEDES, Simoni Lahud (Org.). Nações em campo – Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol – Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Ed. Da Universidade Federal Fluminense, 1998.

HELAL, Ronaldo. Passes e impasses – Futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____ ; SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol – Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBBSAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1991.

JÚNIOR, Hilário Franco. A dança dos deuses – Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 2003.

MURAD, Mauricio. Dos pés à cabeça – Elementos Básicos de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Ed. Irradiação Cultural, 1996.

_____ . A violência e o futebol – Dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ed., FGV, 2007.

OSTERMANN, Ruy Carlos. A paixão do futebol – o amador às escondidas. Porto Alegre: Movimento, 1976.

_____ (Org.). Meia encarnada, dura de sangue – Literatura e Esporte. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, nº. 10, 1992.

SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação UFRGS, vol.16, nº. 2, jul/dez.1990.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Internacional - Autobiografia de uma paixão. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.